GEOVANI MARTINS

O SOL NA CABEÇA

COMPANHIA DAS LETRAS

O NOVO FENÔMENO LITERÁRIO BRASILEIRO VENDIDO PARA 7 PAÍSES

GEOVANI MARTINS

O sol na cabeça

Contos

COMPANHIA DAS LETRAS

Sumário

Rolézim
Espiral
Roleta-russa
O caso da borboleta
A história do Periquito e do Macaco
Primeiro dia
O rabisco
A viagem
Estação Padre Miguel
O cego
O mistério da vila
Sextou
Travessia

Para dona Neide, minha mãe.
Para Érica, minha companheira.
E para todos os meus irmãos e irmãs.

Rolézim

Para Matheus, Alan e Gleison

Acordei tava ligado o maçarico! Sem neurose, não era nem nove da manhã e a minha caxanga parecia que tava derretendo. Não dava nem mais pra ver as infiltração na sala, tava tudo seco. Só ficou as mancha: a santa, a pistola e o dinossauro. Já tava dado que o dia ia ser daqueles que tu anda na rua e vê o céu todo embaçado, tudo se mexendo que nem alucinação. Pra tu ter uma ideia, até o vento que vinha do ventilador era quente, que nem o bafo do capeta.

Tinha dois conto em cima da mesa, que minha coroa deixou pro pão. Arrumasse mais um e oitenta, já garantia pelo menos uma passagem, só precisava meter o calote na ida, que é mais tranquilo. Foda é que já tinha revirado a casa toda antes de dormir, catando moeda pra comprar um varejo. Bagulho era investir os dois conto no pão, divulgar um café e partir pra praia de barriga forrada. O que não dava era pra ficar fritando dentro de casa. Calote pra nós é lixo, tu tá ligado, o desenrolo é forte.

Passei na casa do Vitim, depois nós ganhou pra caxanga do Poca Telha, aí partimo pra treta do Tico e do Teco. Até então tava geral na merma meta: duro, sem maconha e querendo curtir uma praia. A salvação foi que o Teco tinha virado a noite dando uma moral pros amigo na endola, aí ganhou uns baseado. Uns farelo que sobrou do quilo. Arrumou até uma cápsula. O caô era que ele queria ficar

morgando em casa invés de partir com nós. Teco é maluco. Até parece que ia conseguir dormir com aquela lua. Geral falou que na praia ele ia ficar tranquilão, só palmeando as novinha, dando uns mergulho pra refrescar a carcaça. Quando chegasse em casa, ia tá morgadão, dormir que nem criança. Ele disse que deixava um baseado com nós, mas que ia marcar em casa mermo. Sorte foi que o Vitim conseguiu instigar ele a dar um belengo pra ficar na atividade. Acho que era isso mermo que ele queria, um parceiro pra meter o nariz com ele, pra não ficar sozinho na onda. Oprimido. Esses moleque gosta muito, papo reto, nunca vi! Dez da manhã, um sol da porra, e eles metendo a nareba.

Eu nunca cherei. Lembro de quando meu irmão chegou do trabalho boladão, me chamou pra queimar um com ele nos acessos. Queria ter uma conversa de homem pra homem comigo, senti na hora. A bolação dele era que um amigo que cresceu com ele tinha morrido do nada. Overdose. Tava pancadão na bike, se pá até indo de missão comprar mais, quando caiu no chão. Já caiu duro. Overdose. Tinha a idade do meu irmão na época, pô. Vinte dois! Nunca tinha visto meu irmão daquele jeito, eles era fechamento mermo. Aí o papo dele pra mim: pra eu ficar só no baseado. Nada de pó, nem crack, nem balinha, esses bagulhos. Até loló ele falou que era pra eu não usar, que loló derrete o cérebro. Sem contar os neguim que já rodaram com parada cardíaca porque se derramaram na loló. Naquele dia prometi pra ele e pra mim que nunca que ia cheirar cocaína. Fumar crack muito menos, tá maluco, só derrota. Loló eu até dou uns puxão às vez, no baile, mas me controlo. Hoje eu vejo que o papo era reto, bagulho é ficar só no baseado mermo, até bebida é uma merda. Pra tu ver, no meu aniversário fiquei doidão, vacilando. Por causa de quê? Cachaça! O pior é que eu nem lembro de nada. Tava bebendo lá na treta do Tico e do Teco, jogando

ronda, quando vi tava acordando em casa, todo sujo. Noutro dia é que me contaram o caô. Falaram que fiquei mexendo com as mina na rua, até segui uma novinha no beco. Mó papo de vacilação. Se vagabundo me pega numa dessa tomo um coro. Pega a visão.

O piloto nem roncou quando nosso bonde subiu na traseira, o ônibus tava como, lotadão, várias gente, cadeira de praia, geral suado, apertado. Tava osso. O que salvou a viagem foi ficar marolando, vendo o Vitim e o Teco, os dois tava trincadão, mordendo as orelha. Papo reto, eu não entendo pra que que nego usa droga pra ficar oprimido, batendo neurose com tudo. Que nem no dia que tava eu e o Poca Telha queimando um na laje da tia. Do nada brotou o Mano de Cinco com mais dois paraíba que tinha acabado de chegar da terrinha. Caralho, menó... Se derramaram legal, uma linha atrás da outra, os paraíba ficou tudo como, com uns olho desse tamanho, se mordendo todo. Aí um dos pancados já começou ouvir barulho onde não tinha e nós rindo à vera. O Mano de Cinco, que é mó piada também, deu trela, cismou que era os polícia entocado na laje ali do lado, preparando pra dar o bote neles. Mano, os pará peidou na hora, saíram voado, descendo a laje. Foi muito engraçado! Eles andando lá embaixo na rua, tudo escaldado, se escondendo nos muro, com medo dos polícia brotar.

Operação mermo só teve quase uma semana depois, que foi até quando tiraram a vida do Jean. Sem neurose, gosto nem de lembrar, tu tá ligado, o menó era bom. Só queria saber de jogar o futebol dele, e jogava fácil! Até hoje vagabundo fala que era papo de virar profissional. Já tava na base do Madureira, logo iam acabar chamando ele pra um Flamengo, um Botafogo da vida. Pronto! Tava feito! Mó saudade daquele filho da puta, na moral. Até no enterro o viado tirou onda, tinha umas quatro namorada chorando junto com a mãe dele. Esses polícia é tudo covarde mermo, dando baque no

feriado, com geral na rua, em tempo de acertar uma criança. Tem mais é que encher esses cu azul de bala. Papo reto.

Chegamo na praia com o sol estalando, várias novinha pegando uma cor com a rabeta pro alto, mó lazer. Saí voado pra água, mandando vários mergulho neurótico, furando as onda. A água tava gostosinha. Nem acreditei quando voltei e vi o bonde todo com mó cara de cu. O bagulho era que tinha uns cana ali parado, escoltando nós. Tava geral na intenção de apertar o baseado, e os cana ali. Esses polícia de praia é foda. Tem dia que eles fica sufocando legal. Eu acho que das duas uma: ou é tudo maconheiro querendo pegar a maconha dos outros pra fazer a cabeça, ou então é tudo traficante querendo vender a erva pra gringo, pros playboy, sei lá. Sei é que quando eu vejo cana querendo muito trabalhar fico logo bolado. Coisa boa num é!

Quando finalmente os filho da puta decidiu meter o pé, outro perrengue: ninguém tinha seda! Mó parada, né não, menó? Vários pulmão de aço no bagulho e nenhuma seda. Pior é que perdemos um tempão só pra decidir quem ia na missão de arrumar a roupa. Ninguém queria pedir pros maconheiro playboy lá da praia, tudo mandadão, cheio de marra. Quando eles tão sozinho, olha pra tu tipo que com medo, como se tu fosse sempre na intenção de roubar eles. Aí quando tão de bondão, eles olha tipo que como fosse juntar ni tu. É foda.

O Tico e o Poca Telha tentaram a sorte e não deu outra. Tinha dois menó ali perto de nós com mó cara de quem dá um dois. Desde que nós chegou que eles tava ostentando. Passava mate eles comprava, passava biscoito eles comprava, açaí comprava, sacolé comprava. Deviam tá mermo era numa larica neurótica. Eu já tinha palmeado pelo menos uns dois menózim que tavam escoltando eles, só no aguarde pra dar o bote. E eles lá, panguando, achando que o

bagulho é Disneylândia. Sem contar os camuflado de trabalhador, que ficam só de olho em quem tá de malote, esperando a boa. O que me deixa mais puto é isso, menó. Tava os dois lá, de bobeira. Aí, quando chegou o Tico mais o Poca Telha pra pedir um bagulho pra eles, na humilde, ficaram de neurose, meio que protegendo a mochila, olhando em volta pra ver se num vinha polícia. Num fode! Tem mais é que ser roubado mermo, esses filho da puta. Não fosse minha mãe eu ia meter várias paradas na pista, sem neurose, só de raiva. Foda é que a coroa é neurótica. Ainda mais depois do bagulho que aconteceu com meu irmão. Ela sempre me manda o papo de que se eu for parar no Padre Severino ela nunca mais olha na minha cara. Bagulho é doido!

Num fosse eu pra desenrolar, nós tava fodido. Os menó ainda deram mais um rolé, mas não arrumaram nada. Só um sedanapo com o amigo da barraca que tava na intenção de dar um dois com nós. Foda é que ninguém mais quer saber de napo, bagulho agora é só smoking. Antigamente vagabundo fumava até na folha de caderno, no papel de pão. Agora é essa memeia. Ganhei pro calçadão e estourei a boa: arrumei foi uma da vermelha. Tu tá ligado que se apertar no talento dá até pra cortar no meio e fazer duas. Os menó ficaram de bobeira comigo.

Pior que foi tranquilão pra arrumar a seda, pedi pra um rasta que tava vendendo pulseira do reggae. Maluco responsa, me salvou até um cigarro! Me deu o papo pra ficar na atividade, que os verme tava de maldade naqueles dias. Mataram um boliviano na areia, aí os cana tava sufocando na praia, com medo de morrer mais gente, se pá até um morador ou um gringo, e aí ia dar merda braba, tá ligado? Manchete no jornal, *Balanço Geral*, esses caô.

Mas os verme tavam de bobeira no bagulho, não ia morrer mais ninguém ali não. Tava tranquilo, a parada tinha sido papo de

cobrança e o maluco que passou o boliviano tinha dado até um tempo da praia. O rasta mandou ficar na atividade se fosse fazer qualquer correria, mas eu disse pra ele que tava de boa, só queria curtir mermo uma praia, fumar meu baseadinho na humilde. Ele falou pra eu não perder nunca minha fé em Deus. Era um maluco maneiro, o rasta. Cria lá do Maranhão, ele. Disse que a maconha lá é arregada, que geral fuma, que ele começou a fumar com dez anos, que nem eu.

Depois do baseado fiquei viajando, olhando as gaivota voando no céu. Quando batia o olho de frente com o sol, ficava tudo brilhando, mó marola. Quando não dava mais pra aguentar o calor, fui gastar minha onda na água. Foi a melhor parte: peguei vários jacaré bolado, ficava marolando rodando o corpo todo até a onda me deixar na areia. Depois ficamo geral disputando quem conseguia ficar mais tempo debaixo da água, mó perrengue! Só fumante no bagulho!

Mas a onda máxima foi quando nós tava já saindo da água: os playboy que fez miserinha de seda tavam tirando foto, pagando de divo no bagulho. Quando foram ver, não viram nada. Dois menó passou voado e levaram as mochila com tudo dentro. Depois se enfiaram no meio da praia lotada. Os play ficou de bucha, com o celular na mão, panguando. Aí passou mais um menó e levou o celular também. Achei foi bem feito pra deixar de ser otário. Eu e os menó rimo pra caralho da cara deles. Os comédia meteu o pé, levando só a canga. Depois fiquei pensando nos menózim que saíram no pinote. Os menó era tudo rataria, mas o rasta já tinha dado o papo que a praia tava lombrada. Fiquei torcendo pra eles não cair na mão dos verme, tá ligado?

Quando nós viu já era quase de noite. Uma larica que, sem neurose, era papo de quarenta mendigo mais vinte crente. Tava na

hora de meter o pé. E foi aí que rolou o caô. Nós tava tranquilão andando, quase chegando no ponto já, aí escoltamos os canas dando dura nuns menó. A merda é que um dos cana viu nós também, dava nem pra voltar e pegar outra rua. Mas até então, mano, tava devendo nada a eles, flagrante tava todo na mente, terror nenhum. Seguimo em frente.

Quando nós tava quase passando pela fila que eles armaram com os menó de cara pro muro, o filho da puta manda nós encostar também. Aí veio com um papo de que quem tivesse sem dinheiro de passagem ia pra delegacia, quem tivesse com muito mais que o da passagem ia pra delegacia, quem tivesse sem identidade ia pra delegacia. Porra, meu sangue ferveu na hora, sem neurose. Pensei, tô fodido; até explicar pra coroa que focinho de porco não é tomada, ela já me engoliu na porrada.

Não pensei duas vez, larguei o chinelo lá mermo e saí voado. O cana gritou na hora que ia aplicar. Passei mal, papo reto, fui correndo com o cu na mão, queria nem olhar pra ver qual ia ser. Lembrei do meu irmão, de nós jogando golzinho na rua. Ele era sempre o mais rápido, era neurótico na corrida. Eu tava correndo quase que nem ele, no desespero. Quase chorei de raiva. Eu sei que o Luiz não era X9, meu irmão nunca que ia xisnovar ninguém, morreu foi de bucha, no lugar de um vacilão desses daí que o mundo tá cheio. Isso sempre me enche de ódio.

Meu corpo todo gelou, parecia que tava feito. Era minha vez. Minha coroa ia ficar sem filho nenhum, sozinha naquela casa. Mentalizei Seu Tranca Rua que protege minha avó, depois o Jesus das minhas tias. Eu não sei como conseguia correr, menó, papo reto, meu corpo todo parecia que tava travado, eu tava todo duro, tá ligado? Geral na rua me olhando. Virei a cara pra ver se ainda tava

na mira do verme, mas ele já tinha dado as costas pra continuar revistando os menó. Passei batido!

Espiral

Começou muito cedo. Eu não entendia. Quando passei a voltar sozinho da escola, percebi esses movimentos. Primeiro com os moleques do colégio particular que ficava na esquina da rua da minha escola, eles tremiam quando meu bonde passava. Era estranho, até engraçado, porque meus amigos e eu, na nossa própria escola, não metíamos medo em ninguém. Muito pelo contrário, vivíamos fugindo dos moleques maiores, mais fortes, mais corajosos e violentos. Andando pelas ruas da Gávea, com meu uniforme escolar, me sentia um desses moleques que me intimidavam na sala de aula. Principalmente quando passava na frente do colégio particular, ou quando uma velha segurava a bolsa e atravessava a rua pra não topar comigo. Tinha vezes, naquela época, que eu gostava dessa sensação. Mas, como já disse, eu não entendia nada do que estava acontecendo.

As pessoas costumam dizer que morar numa favela de Zona Sul é privilégio, se compararmos a outras favelas na Zona Norte, Oeste, Baixada. De certa forma, entendo esse pensamento, acredito que tenha sentido. O que pouco se fala é que, diferente das outras favelas, o abismo que marca a fronteira entre o morro e o asfalto na Zona Sul é muito mais profundo. É foda sair do beco, dividindo com canos e mais canos o espaço da escada, atravessar as valas abertas,

encarar os olhares dos ratos, desviar a cabeça dos fios de energia elétrica, ver seus amigos de infância portando armas de guerra, pra depois de quinze minutos estar de frente pra um condomínio, com plantas ornamentais enfeitando o caminho das grades, e então assistir adolescentes fazendo aulas particulares de tênis. É tudo muito próximo e muito distante. E, quanto mais crescemos, maiores se tornam os muros.

Nunca esquecerei da minha primeira perseguição. Tudo começou do jeito que eu mais detestava: quando eu, de tão distraído, me assustava com o susto da pessoa e, quando via, era eu o motivo, a ameaça. Prendi a respiração, o choro, me segurei, mais de uma vez, pra não xingar a velha que visivelmente se incomodava de dividir comigo, e só comigo, o ponto de ônibus. No entanto, dessa vez, ao invés de sair de perto, como sempre fazia, me aproximei. Ela tentava olhar pra trás sem mostrar que estava olhando, eu ia chegando mais perto. Ela começou a olhar em volta, buscando ajuda, suplicando com os olhos, daí então colei junto dela, mirando diretamente a bolsa, fingindo que estava interessado no que pudesse ter ali dentro, tentando parecer capaz de fazer qualquer coisa pra conseguir o que queria. Ela saiu andando pra longe do ponto, o passo era lento. Eu a observava se afastar de mim. Não entendia bem o que sentia. Foi quando, sem pensar em mais nada, comecei a andar atrás da velha. Ela logo percebeu. Estava atenta, dura, no limite de sua tensão. Tentou apertar o passo pra chegar o mais rápido possível a qualquer lugar. Mas na rua era como se existíssemos apenas nós dois. Por vezes eu aumentava minha velocidade, ia sentindo o gosto daquele medo, cheio de poeira de outras épocas. Depois diminuía um pouco, permitindo que ela respirasse. Não sei quanto tempo durou tudo aquilo, provavelmente não mais que alguns minutos, mas, para nós,

era como se fosse toda uma vida. Até que ela entrou numa cafeteria e segui meu caminho.

Passado o turbilhão, fiquei com nojo de ter ido tão longe, lembrando da minha avó, imaginando que aquela senhora também devia ter netos. Porém, esse estado de culpa durou pouco, logo lembrei que aquela mesma velha, que tremia de pavor antes mesmo que eu desse qualquer motivo, com certeza não imaginava que eu também tivera avó, mãe, família, amigos, essas coisas todas que fazem nossa liberdade valer muito mais do que qualquer bolsa, nacional ou importada.

Por mais que às vezes me parecesse loucura, sentia que não poderia parar, já que eles não parariam. As vítimas eram diversas: homens, mulheres, adolescentes e idosos. Apesar da variedade, algo sempre os unia, como se fossem todos da mesma família, tentando proteger um patrimônio comum.

Veio a solidão. Ficava cada vez mais difícil enfrentar qualquer assunto banal. Nem nos livros conseguia me concentrar. Não queria saber se chovia ou fazia sol, se no domingo daria Flamengo ou Fluminense, se Carlos terminou com Jaque, se o cinema estava em promoção. Meus amigos não entendiam. Não podia contar o motivo de minhas ausências, e, aos poucos, fui sentindo que me afastava de gente realmente importante para mim.

Com o passar do tempo essa obsessão foi ganhando forma de pesquisa, estudo sobre relações humanas. Passei então a ser tanto cobaia quanto realizador de uma experiência. Começava a entender com clareza meus movimentos, decifrar os códigos dos meus instintos. No entanto, a dificuldade de entender as reações de minhas vítimas foi se mostrando cada vez maior. São pessoas que vivem num mundo que não conheço. Sem contar que o tempo que tenho pra analisá-las frente a frente é curto e confuso, já que preciso

atuar simultaneamente. Percebendo isso, cheguei à conclusão de que precisaria me concentrar num único indivíduo.

Não foi nada fácil encontrar essa pessoa. Me perdia entre as personalidades, não conseguia escolher. Tinha medo. Até que um dia, andava pela rua, era noite alta, um homem virou a esquina no mesmo momento que eu, trombamos. Ele levantou os braços, se rendendo ao assalto. Eu disse: "Fica tranquilo. E vai embora". Depois de muito tempo sentia mais uma vez aquele ódio primeiro, descontrolado, aquele que enche os olhos d'água. Há tempos já tinha me abstraído da humilhação, e até mesmo da vingança. Encarava o desafio com o olhar cada vez mais distante, científico. Mas alguma coisa nos movimentos daquele homem — o levantar de braços, a expressão de terror — fez reacender aquela chama do dia em que fui atrás da minha primeira vítima. Era ele. Só podia ser ele. Esperei um pouco e fui atrás, invisível.

Mário é o nome dele. Consegui pescar essa informação observando de perto, próximo ao seu local de trabalho, enquanto ele cumprimentava seus conhecidos pela rua. Tem duas filhas pequenas, uma pela casa dos sete, oito anos, a outra com quatro, no máximo cinco. Não consegui descobrir o nome delas, pois, quando estava com a família, eu acompanhava de longe, pra não atrair suspeitas. Acabei batizando de Maria Eduarda a mais velha e Valentina a mais nova. Nomes compatíveis com suas carinhas de crianças bem alimentadas. À esposa dei o nome de Sophia. Olhando a partir da minha distância, pareciam felizes. No dia em que foram fazer um piquenique no Jardim Botânico, brincavam, comiam bolos, doces, observavam juntos as plantas. Um verdadeiro comercial de margarina, com exceção da babá, que os seguia toda de branco.

Durante o primeiro mês, forcei nosso encontro muitas vezes. Em algumas ele ficou intimidado com minha presença, em outras

parecia não notar ou não se importar. Eu ficava me perguntando quando é que ele daria conta de minha existência. Três meses. Até o dia em que li em sua expressão o horror da descoberta. Muita coisa mudou depois disso. Mário passou a ser outra pessoa. Sempre preocupado, olhando em volta. Eu observava. Às vezes o perseguia claramente, via sua tensão crescer, até quase explodir. Então parava, entrava em algum lugar, fingia naturalidade.

Chegamos ao momento presente. Passei uns dias rondando um pouco mais perto de sua casa. O que antes era privilégio, morar perto do trabalho, virou um dos seus maiores motivos de preocupação. Ele tentava me despistar dando voltas pelos quarteirões, mas seu esforço era inútil, já que há bastante tempo eu sabia onde ficava seu apartamento. Foram dias complicados pra ambas as partes, eu sentia que dava um passo definitivo, só não tinha certeza de onde me levaria esse caminho. Até que entramos na jogada final. Comecei a segui-lo, como das outras vezes, num lugar próximo a sua casa. Mas dessa vez ele não fez questão de me despistar, pelo contrário, pegou o caminho mais rápido até o apartamento. Suava pelas ruas, a cara vermelha. Também eu tremia diante das possibilidades de desfecho.

Ele entrou no prédio, cumprimentou o porteiro feito máquina, subiu. Apenas uma janela. Era o que se mostrava do apartamento no meu campo de visão. Fiquei mirando fixamente aquele ponto, sem me esconder dessa vez; se eu o visse, também ele me veria. Alguns minutos depois apareceu Mário, completamente transtornado, segurava uma pistola automática. Sorri pra ele, percebendo naquele momento que, se quisesse continuar jogando esse jogo, precisaria também de uma arma de fogo.

Roleta-russa

Quando chegou na rua, estavam todos amontoados em roda, se escalando. Ignoravam o sol na cabeça e, em vez de disputarem a pouca sombra que fazia o pé de acerola, brigavam pela melhor posição pra ver a fotonovela pornô que o Mingau achou em casa, revirando as coisas do primo desaparecido. Paulo se juntou à turma, sem muito interesse na revista. Não que não gostasse de pornografia ou semipornografia, muito pelo contrário, era um dos que mais perdia a linha quando via as mulheres se esfregarem de biquíni atrás de um sabonete na piscina do Gugu, assistindo às *Aventuras da Tiazinha*, em que a heroína detonava os bandidos usando chicote e lingerie, ou então com as danças da Feiticeira no programa do Luciano Huck. Acontece que dessa vez seu mundo girava de maneira diferente.

— Caralho, menó. Mó peitão que tem essa loura. Olha, olha, olha o xerecão dela. Se eu pego uma mulher assim…

— Sai daí, cara. Tu tem fimose.

— Tenho porra nenhuma, tu quiser te mostro meu pau.

— Iá! Além de ter fimose, ainda é viado! Quer mostrar o pau pra homem!

— Tu quer falar de quê, cara? Tua irmã nem caga, vai explodir aquela gorda!

— Neguim, eu tô falando de tu, entendeu? De tu, não da tua família. Filho da puta!

— Filho do quê? Repete se tu é homem!

— Filho de uma puta.

Enquanto corria a cena, Paulo sentia já ter vivido antes aqueles momentos. Teve a impressão de estar assistindo a si mesmo de longe, prevendo cada som que estourava na rua, cada movimento dos corpos amontoados, cada palavra que escapava das bocas, prevendo até mesmo o cair no chão da revista tão cobiçada, abandonada frente ao fascínio provocado em todos pela presença do revólver.

Não foi a primeira vez que Paulo brincou com a arma do pai. Toda manhã, logo que volta do banheiro, ele pega o ferro na terceira gaveta da cômoda que sustenta a televisão. Gosta de sentir o peso do revólver, de analisar cada pedaço do objeto, de imaginá-lo em ação. Sobre a adrenalina de mexer na arma bem ali na frente do pai, que dorme na cama ao lado, não consegue definir o que sente, se é bom ou ruim. Na hora é como se o ar do mundo inteiro acabasse subitamente, o corpo todo treme, coração dispara, o pai parece que se mexe e se remexe sempre em câmera lenta, cada pequeno movimento dura em média de duas a três eternidades. O menino sem respirar, a arma na mão, os olhos que podem se abrir a qualquer momento. Correm assim as manhãs.

O revólver na casa não era segredo. Seria impossível esconder qualquer coisa da curiosidade do filho naquele quarto com banheiro em que foram morar. Quando aceitou o emprego de segurança e passou a portar o trinta e oito, Almir resolveu conversar com Paulo. Uma conversa de homem pra homem, ele disse, embora o moleque tivesse acabado de completar dez anos de idade. Contou que precisava do emprego, que a vida seria melhor pros dois, que

ganharia muito mais dinheiro do que no posto de gasolina. Disse que confiava no menino com todo o seu coração, por isso não precisou pensar duas vezes antes de aceitar o trabalho e levar o revólver pra casa.

Almir costuma dizer que prefere ganhar o filho pelo respeito, porque não confia em relações orquestradas pelo medo. Repete isso aos quatro ventos quando é interrogado sobre o desafio de criar um filho sem mãe. Na tentativa de não usar a força física como base da educação, joga com o filho. Utiliza, sem nenhum peso na consciência, de ferramentas como a culpa e o remorso para esculpir a personalidade do menino. Por sua vez, Paulo não sabe onde começa nem onde termina o respeito, o medo, a vergonha e a admiração que sente pelo pai.

De uns tempos pra cá, sempre que Almir parece mais distante nas conversas de pai e filho, Paulo fica pensando se o pai descobriu que ele anda brincando com a arma, se o viu numa das manhãs ou se percebeu que a gaveta não estava como havia deixado. Nesses momentos, um suor gelado escorre por todo o seu corpo e ele tem vontade de sumir pra sempre.

Muitas vezes, Paulo pensa em nunca mais mexer no revólver, não fazer mais bagunça na sala de aula, nem responder aos mais velhos na rua. Tudo pra não decepcionar o pai. Só ele sabe como é chato quando Almir está decepcionado. Quer ficar conversando durante horas, falando sobre responsabilidade e mais um monte de merda. Almir parece um pastor quando se empolga com as palavras, e a sensação de tomar um esporro é o inferno na vida do filho. Tem vezes que Paulo até pensa que seria melhor tomar meia dúzia de porradas e ir ficar quieto no seu canto, igual todo mundo. Mas, nessa história de morar sozinho com o pai, o pior de tudo mesmo, o que faz cair seu chão, é quando o velho começa a chorar. Nessas

horas, ele nunca sabe como agir, se consola, se finge que não está vendo, e daí vai sentindo o rosto esquentando, esquentando, até que também cede ao pranto, muitas vezes sem entender o motivo. Então ficam ambos ali, chorando feito dois patetas.

Dessa vez Almir não voltou pra cama depois do almoço pra continuar dormindo até chegar a hora de pegar no serviço. Assim que terminou de fumar seu digestivo, entrou no banheiro e foi se arrumar. Bem que Paulo havia estranhado o pai tomar banho antes do almoço em vez de esperar dar a hora de sempre, pois só faz isso quando vai sair. Logo após as refeições, não toma banho nunca, porque faz mal, igual manga com leite. Igual não, pior. Porque disso tem gente que morre.

O menino observa os passos do pai pelo quarto. Calça os sapatos, arruma o bigode, abotoa a camisa, tudo igual aos outros dias, mas dessa vez não pegou o revólver. Quando Almir já estava pra cruzar a porta, Paulo sentiu a necessidade de avisar ao pai que esquecia sua arma. Naquele instante, aquilo parecia capaz de aumentar sua moral, mas, pensando melhor, ficou com medo de parecer que não tirava o ferro da cabeça. Perguntou:

— O senhor não vai trabalhar hoje?

— Daqui a pouco eu tô aqui.

Assim que ouviu bater o portão da vila, Paulo correu até a porta e a trancou, deixando a chave atravessada na fechadura, de um jeito que era impossível abrir pelo lado de fora. Depois foi até a gaveta e pegou o revólver. Foi a primeira vez que ficaram a sós.

Já voava longe a imaginação do moleque quando chegou à ideia de que essa era mais uma grande prova de confiança do pai. Pensar nisso fez Paulo se encher de remorso pelas merdas que vive fazendo, a ponto de sentir raiva de si mesmo. Não conseguia entender por que tinha que ser assim. Quando ouvia do pai o jeito que devia ser,

parecia muito fácil. Dormia com a tranquilidade de que o amanhã seria diferente. Mas, quando via, estava repetindo os mesmos erros, sempre procurando sarna pra se coçar. Essa onda rápida e forte de arrependimento o atingiu em cheio bem na hora em que sentia felicidade. No entanto, o menino vibrava tanto com o feito, que logo foi capaz de atravessá-la, agarrado à certeza de que nunca, por nada nessa vida, seria descoberto.

Tudo era incrível como num sonho, mas nunca seria o bastante enquanto não levasse a arma pra rua, enquanto não a exibisse pra sua galera. O problema era que, naquela hora, os amigos todos estavam enfurnados dentro de casa, assistindo ao desenho de depois do almoço. Menos os viciados em pipa, mas pra esses não adiantava nem tentar mostrar coisa alguma, pois eles nunca deixam de olhar para o céu, nem mesmo quando o vento faz a pipa ficar contra a luz do sol.

A batalha contra os robôs alienígenas do desenho japonês não prendia sua atenção. Ao longo do episódio, Paulo carregou e descarregou diversas vezes o revólver, fingindo que treinava pra guerra. Quando já não aguentava mais tanta espera, pressionou o bico gelado do ferro contra o próprio peito, depois foi descendo até chegar no umbigo, então imaginou como seria levar um tiro bem ali, e imaginar a bala perfurando sua carne fez com que contraísse todo o estômago. Seguiu descendo com a arma até chegar no pau, começou a fazer movimentos circulares, curtindo a sensação de quente e frio provocada pelo encontro, mas, quando notou que endurecia o membro, corou de vergonha e tirou com pressa o trinta e oito das calças. Por fim, voltou a carregá-lo, enquanto cantava o tema de encerramento do desenho junto com a televisão.

— É de festim. As balas.

— E daí? Festim também mata. O Bruce Lee morreu assim.

— Assim como?

— Tava fazendo filme, aí atiraram nele com bala de festim, porque é mesmo com essas balas que eles fazem os filmes, mas aí ele morreu. Meu tio que me contou que leu numa revista. Eu acho que o tiro foi de muito perto.

Paulo precisou descarregar o revólver antes de começar o polícia e ladrão. Todo mundo queria estar no time dele, e era bom viver assim. Na hora de escolher um lado, hesitou. Normalmente, Paulo prefere disputar pelo time dos ladrões, porque é muito chato ficar correndo atrás dos outros o tempo inteiro. Gosta mesmo é de fugir, driblar com o corpo, exibir agilidade, provocar o adversário. Mas dessa vez acabou escolhendo o time da polícia, pois desejava perseguir cada um de seus amigos, apontar a arma bem no meio de suas cabeças, apertar o gatilho e simular com a boca o som das balas que rompem o cano pra caçar o seu destino.

— Trinta e oito é foda porque, quando entra, faz só um buraquinho, mas, quando sai, deixa o maior buracão do outro lado.

— Tá maluco, cara. Quem faz isso é doze punheteira. Eu vi naquele filme, *O sexto sentido*, na hora que o moleque vira e tem o maior buracão na cabeça dele. Atrás. Foi tiro de doze aquilo.

— Eu vi o filme também, lerdão. Todo mundo viu. Aquilo lá é tiro de oitão. Tu quer saber mais do que eu, cara, meu irmão é do exército.

— Vocês ficam nessa de oitão, de doze punheteira, eu sou mais a Golden Gun. Se acertar um tiro, pode ser qualquer lugar, pode ser até no pé, mata na hora. A bala onde que entra vai direto procurar o coração.

— Meu irmão falou, cara, que essa arma só tem no 007.

— E teu irmão sabe de quê, animal? Teu irmão é pé-preto!

Fazia tempo que o polícia e ladrão não fluía tanto. A febre do momento era jogar à vera. Mata-mata, búlica, triângulo, figurinha, tazo no bafo. O importante era valer alguma coisa. Por essa razão, as brincadeiras de correr, as preferidas de Paulo, iam ficando pra trás. Exceto nos dias de festa de aniversário na rua, porque, nesses dias, todo mundo fica com vontade de correr e brincam de todos os piques do mundo. Controlando as brincadeiras durante a tarde, Paulo sentiu que era isso mesmo a vida, uma festa.

— Vocês lembram quando morreu aquele cara lá na frente da casa da dona Margarida?

— Eu lembro, eu vi quando a polícia chegou.

— É estranho porque só mataram ele. Deixaram tudo lá, o carro, o dinheiro, tudo. Foi queima de arquivo.

— É, a minha tia disse isso, queima de arquivo. Ela foi lá ver.

— E qual defunto que tua tia não vai ver, cara? Meu pai falou que ela lê um jornal que quando espreme sai sangue.

— Não lê mais não. Ela tá com medo de um dia abrir o jornal e ver uma foto do meu primo que sumiu.

Só queria que tudo aquilo durasse pra sempre. A admiração no olhar dos colegas, a atenção que recebia por tudo que fazia. Como seria bom se conseguisse alcançar isso também na escola, ficou pensando. É difícil não se destacar em nada entre os outros moleques. Paulo não era dos melhores no futebol, nem na gude, nem na pipa. Não era dos mais engraçados nem dos bons de briga. Às vezes sentia que, se sumisse de vez, ninguém na sua rua ou na escola sentiria sua falta. No entanto, acreditava que no fundo possuía por dentro uma coisa muito especial, única, que por enquanto não era capaz de revelar mas, assim que conseguisse, tudo seria diferente.

— Vou contar pra vocês uma coisa, mas é segredo. Meu pai já matou uma pessoa com essa arma.

— Para de inventar história, moleque, teu pai é um cara tranquilão.

— Tranquilo ele é, até mexer com ele. Que nem eu sou!

— E como que você sabe disso, você viu, ele te contou, por acaso?

— Eu ouvi ele falando com um amigo dele, era de manhã, bem cedinho, eu fiquei fingindo que tava dormindo, pra ouvir a conversa. Tavam nervosos os dois. Tinha até outras armas em cima da cama, eu lembro.

— Cê tava sonhando, cara.

— Iá lá, os moleques vão guardar as balizas, vamo lá pedir pra gente jogar um golzinho com elas.

Paulo foi atacado por essa informação. Pros mais velhos acabarem com o futebol era porque já ia ficar de noite e eles iam tomar banho pra ficar no portão das namoradas, o que queria dizer que já tava na hora do pai sair pro trabalho. Saiu voado dali, sem se importar com o que pensariam os amigos. Estava tão desesperado que não conseguia nem bolar um plano de defesa, como sempre faz quando volta pra casa já sabendo que tá no erro. E, pra aumentar a angústia, foi assaltado no meio do caminho pela triste certeza de que tudo aquilo não passava de uma armadilha do pai pra testar sua confiança. Sentiu ódio por ser tão burro, e também sentiu pena do pai por ter um filho como ele, mas, enquanto avançava no caminho de casa, esses sentimentos foram se alternando, às vezes ele sentia ódio do pai, pena de si próprio, mas não fazia tanta diferença o rodízio; de qualquer forma, tudo era uma grande merda olhando por qualquer lado que fosse.

Quando entrou na vila, logo percebeu os sapatos do velho na porta, sentiu o cheiro do cigarro de Almir. Estava fodido, tinha

certeza. Não conseguia imaginar no que se transformaria sua vida depois desse dia. Entrou tentando não fazer barulho, como se essa preocupação pudesse evitar o encontro com o pai dentro do quarto. Tremia só de imaginar sua imagem, sentado na cama, esperando pra conversar sobre o que aconteceu. Se tivesse conversa, pois admitia que dessa vez havia passado dos limites. Por sorte, quando finalmente teve coragem pra atravessar a porta, percebeu que estava ligado o chuveiro e que Almir estava embaixo d'água. Na mesma hora Paulo colocou de volta o revólver na gaveta e sentou pra esperar o que vinha. Dessa vez, era ele que deixava encher de água os olhos. Cerrou os punhos pra expulsar o pranto que vinha, disse pra si: "Eu sou um homem", e decidiu que assim que o pai saísse do banheiro contaria tudo, antes mesmo que ele fizesse as perguntas.

Ainda ficou mais algum tempo certo de que abrir o jogo era a melhor opção, mas a demora no banho era grande, e isso abria espaço pra muitas outras possibilidades. Se passasse batido dessa vez, não voltaria a ser desse jeito, jurou com a mesma verdade que jurava das outras vezes. Queria mesmo que o mundo acabasse antes daquele banho, mas não foi o que aconteceu. Paulo ouviu Almir suspender o barulho do chuveiro, esfregar a toalha pelo corpo, bater o Prestobarba na pia e depois, finalmente, abrir a porta.

O caso da borboleta

"Ninguém nasce borboleta", pensou Breno. Depois disse baixinho: "A borboleta é um presente do tempo". Lá fora, ela, a borboleta, não pensava nada disso. Ocupava-se em voar pela noite de árvore em árvore. Era azul e sem dúvida um dia havia sido lagarta. Breno tem nove anos e é uma criança, a lagarta é como se fosse uma borboleta criança, mas quando Breno for adulto vira homem e não borboleta, e homens não voam. Sonho de Breno é voar, seja como piloto de avião ou jogador de futebol. Como borboleta, Breno nunca chegou a pensar, tem nove anos, mas sabe que é menino e não lagarta. A avó de Breno sempre diz: "Lagarta queima o dedinho e come planta, mas vira borboleta. Ninguém nasce borboleta". Agora o menino pensa e olha a borboleta na janela. "De manhã vi um monte de buraquinhos nas folhas"; explicaram a ele: "É coisa de lagarta". Os buracos nas acerolas e goiabas eram coisa dos passarinhos. Isso ninguém precisou explicar, porque ele sempre viu os passarinhos indo bicar as frutas, menos o beija-flor, que só ia bicar a água no copo de flor pendurado na goiabeira. "O que será que borboleta come? Será que beija-flor só bebe água?" Pensou muito nisso e sentiu fome. Saiu em direção à cozinha.

A avó cochilava de frente para a novela das sete. Justamente aquela durante a qual ela mais gostava de cochilar. Breno sabia disso

e não quis acordá-la pra pedir comida. Na cozinha a janela estava aberta. Era uma janela enorme e dava de frente pro quintal da casa. Algumas vezes Breno ouviu gente falando como era engraçado aquela janela na cozinha. A avó sempre explicava que, antes de cozinha, ali havia sido quarto, e por isso a tal janela. Breno achava normal. Desde que tem lembrança, ali é cozinha e tem janela e ele adora. Enquanto sua avó faz o almoço, ele olha para o mundo. O azar é daqueles que não têm janela na cozinha. Breno decidiu que a melhor coisa pra comer naquele momento era biscoito. "Tomara que tenha. Se não tiver, seria muito bom comer uns ovos." Sabe como fazer: é só acender o fogo apertando o botão, colocar a frigideira em cima do fogo, quebrar o ovo em cima da frigideira e ficar mexendo com o garfo. Agora que já tem nove anos nem precisa mais de cadeira pra mexer no fogão. Abre a geladeira e tem três ovos. Fecha a geladeira e vai procurar o biscoito. Entra uma borboleta na cozinha. É maior e mais bonita que a outra. Parece desesperada, bate nas paredes uma a uma até ficar presa pela porta encostada. Breno vai até a porta e a puxa para que saia, de lá voa direto pro outro lado da cozinha, onde ficam a janela e o fogão. Breno acompanha com o olhar e espera que consiga sair logo pela janela. Em cima do fogão tem uma panela destampada cheia de óleo (no almoço teve batata frita), a borboleta voa na direção do fogão e, assim que chega em cima da panela, cai no óleo como se tivesse sido atraída pra lá igual quando Breno atrai moedas com seu ímã.

Ele correu pra ver a borboleta, ela nadava pelo óleo lentamente. Quis tirá-la de lá, mas nunca colocou a mão no óleo antes. Só queima se estiver de fogo aceso, tinha quase certeza. Correu até o papel-toalha e tirou a borboleta de dentro da panela. Olhou-a com atenção: toda coberta de óleo. Todas as partes do seu corpo de inseto. As asas pingavam óleo pela cozinha. Agora tinha certeza: só

queimava se tivesse ligado o fogo. A borboleta se mexia muito. Tratou de colocá-la em cima da janela.

Pegou o biscoito e foi para o quarto. Começou a comer, era de chocolate e era bom. Ainda assim, não conseguia esquecer a borboleta nadando no óleo. Seu corpo inteiro afundado no óleo. Logo começou a imaginar como seria se fosse ele, mergulhado no óleo numa panela gigante que cabe criança. Imaginou seu cabelo cheio de óleo, seus olhos, ouvidos, nariz, boca. Comia o biscoito e imaginava. Lambeu o dedo que havia colocado na panela pra imaginar melhor seu corpo no óleo. Não gostava de imaginar, mas não conseguia evitar. Era igual cheirar a mão quando está fedendo, ou alguma coisa assim. Lambeu, e o gosto era péssimo. Muito pior que o gosto do biscoito de chocolate. Lembrou de sua avó que dizia que o pozinho da borboleta, se batesse no olho, deixava cego. Ficou com medo de passar mal. O dedo que lambeu, além de óleo devia ter o tal pozinho. Correu até a cozinha para ver a borboleta. Estava dura, morta. Teve pena e quis enterrar. Decidiu que a borboleta seria seu bicho preferido, caso não passasse mal por conta daquela lambidinha no dedo. Precisava avisar a avó pra não fritar mais batata naquela panela. Enquanto não amanhecia, deixaria a borboleta na janela da cozinha. No caminho de volta pro quarto viu que a avó ainda cochilava. Deitou na cama, sua cabeça realizou os últimos mergulhos no óleo. Começou a pensar apenas em não passar mal por conta do pozinho da borboleta. Ninguém nasce borboleta. Sentiu medo e uns trecos no estômago, se apavorou achando que era consequência do pozinho que cega quando cai no olho, e depois dormiu.

A história do Periquito e do Macaco

Quando a UPP invadiu o morro, era foda pra comprar bagulho. Maior escaldação; ninguém queria botar a cara pra vender, só tinha criança trabalhando de vapor. Uns moleque de oito, nove anos. Tinha vez que sentia até pena de ver as criança naquela situação, mas o papo é que a gente se acostuma com cada bagulho sinistro, que pena é coisa que dá e passa rápido; geral continuou comprando droga.

Melhor coisa que tu fez, meu mano, sem neurose, foi ter se adiantado lá pro Ceará naquela época, papo reto. Bagulho ficou doido, os polícia sufocando, invadindo casa, esculachando morador por qualquer bagulho. Tu tá ligado como eles é. Ainda mais com jornal tudo fechando com eles, tinha que ver. Os maluco achava uma pistola entocada, meia dúzia de radinho, pronto, já era primeira página, e vagabundo acreditando que eles ia acabar com o movimento. Tem que ser muito otário, papo reto. Pergunta lá quantos fuzil eles achou, quantas carga grande, quantos bandido quente eles prendeu. Eu fico de bobeira quando dou um rolé na pista e vejo que nego não sabe de nada que acontece aqui dentro.

Demorou muito pro bagulho berimbolar de verdade, não. Os pará resolvendo os caô tudo na peixeira, viciado roubando bar, morador, até a Ricardo Eletro roubaram. Quando os vagabundo se entocou

pros polícia entrar, bagulho virou terra de ninguém, menó. Ainda mais que os cara quente no morro meteram tudo o pé pra outras favela que tava mais tranquila. Quem se fodia mermo era morador, como sempre. Toda hora os polícia parava a gente pra perguntar pra onde que ia, que que ia fazer. Fala tu, tomar no cu, porra, nascido e criado nessa merda pra ficar dando satisfação pra polícia? Tava geral cheio de ódio já.

Nessa que o movimento se levantou de novo, desentocou os fuzil, botou mais gente pra trabalhar, espalhou na moral os vapor, os atividade, pra voltar fazer dinheiro. No começo foi foda, bala comia direto. Já fazia pra mais de anos que não dava tanto tiro na Rocinha. Era papo de todo dia quase, de manhã a gente já ficava esperando os pipoco. No começo era só pra assustar os polícia, mostrar que ninguém aqui tava de bobeira, mas não demorou pra morrer gente dos dois lado.

Depois de um tempo eles cansou de ficar nessa direto, e cada um ficou num canto. Os polícia ficava do lado deles, os vagabundo de outro, e o bagulho ia voltando ao normal. Já dava até pra queimar um na rua, no sapatinho mas dava. O foda é que a maconha parecia que só piorava. Tipo assim, quando a UPP entrou, dois dia depois já dava pra comprar bagulho, mas já era outra erva. Essa parada que eu nunca entendi. Tu lembra do benga, na tua época já tava rolando? Então, tu tá ligado que o bagulho vinha mirrado mas chapava o coco. Lembro como se fosse hoje, mano, último dia antes dos polícia entrar no morro. Mó clima tenso do caralho, ninguém sabendo o que podia acontecer. Tinha um bonde que achava que os maluco não ia entregar o morro não, ia trocar tiro até não aguentar mais, esperar virar notícia pro governador mandar parar. O papo era que o morro era muito grande, dava pra espalhar geral e não deixar os cara entrar. Uma hora o tiroteio ia ter que parar, por causa dos

morador. Outro bonde achava que iam entregar o morro logo, pra depois tomar de volta, que não adiantava ficar trocando tiro com os cara, que era papo de subir exército e os caralho, que nem lá no Alemão. Mas na real ninguém tinha certeza de nada, isso que era foda. Pior coisa é isso, ficar imaginando um bagulho que a gente sabe que vai acontecer mas não sabe como. Mas então, nesse dia, no último antes deles invadir, eu fui comprar um baseado ali na Via Ápia, que na época eu tava morando num quartinho ali na travessa Kátia; chegando lá, encontrei Renatim, amigo meu das antiga, estudou comigo e os caralho. Não sabia nem que ele tinha voltado pra boca. Última vez que a gente tinha se encontrado, ele tava trabalhando numa farmácia ali em São Conrado, que a filha dele ia nascer. Lá na boca, geral queria mostrar que tava tranquilo, mas dava pra ver que o bagulho tava esquisito. Tô te falando essa parada porque eu lembro que nesse dia eu comprei o benga lá com eles, foi a última vez. Depois que os polícia entrou, começaram a vender essa maconha velha, seca, esse chá de burro do caralho que a gente tá fumando agora.

Depois que tava geral achando que o pior já tinha passado é que entra na história o Cara de Macaco. Era um filho da puta de um tenente que chegou metendo bronca. O que dava mais ódio era que o bagulho dele não era nem pegar traficante não. Bagulho dele era pegar viciado. Ele falava que só existia traficante porque existia viciado. Puta que pariu, menó, tinha que ver. Eu já tava morando de novo na Cachopa nessa época, e era logo lá que ele tirava o serviço. Todo dia ele brotava de bicho, sempre numa hora diferente; se pegasse alguém fumando, cheirando, ou se cismasse que o cara tava indo comprar droga, ele magoava. Papo reto, tinha pena não, o filho da puta. Primeiro viciado que ele pegou dando um teco no beco, fez o cara cheirar o pó de vinte cinco todo na frente dele, de uma vez.

Isso uma hora da tarde, o sol machucando. Depois ele começou bater a cabeça do maluco na parede, o pancadão ficou com a cara toda fodida.

Outro dia, essa foi foda, ele jogou o Neguinho dentro da vala. O moleque tava fumando um baseado ali na subida da Vila Verde, aí quando viu os cana brotar, jogou o baseado na vala. Pra quê, menó. O Cara de Macaco virou bicho. Meteu a pistola na cara dele, perguntou onde ele tinha comprado aquela maconha. O Neguinho falou que tinha comprado lá no Parque União, que tava geral indo comprar no Parque União porque não tava rolando maconha no morro. O Cara de Macaco deu logo uma coronhada na cabeça do Neguinho que o melado desceu na hora. Perguntou de novo, disse que se ele num falasse ia meter uma bala na cara dele, ou então que ele ia ter que pular na vala. O Neguinho não pensou duas vez e pulou, agora geral fica falando que ele tá com lectospirose, aquela doença que pega no mijo do rato.

Mas o caô estourou de vez quando ele pegou um playboy descendo a ladeira da Cachopa. O playboy tava levando maconha, pó, balinha, lança-perfume e o caralho na mochila. O Sushi trouxe ele aqui pra fazer a compra do mês. Ele começou a esculachar o playboy ali na estrada da Gávea, na frente de geral mermo. Falando que depois toma um tiro e não adianta reclamar, porque tava dando dinheiro pros cara comprar as arma. Esses polícia é mó piada mermo, falando assim até parece que não é eles que vende a porra das arma nos morro. Só que tem um bagulho nessa história aí, o playboy não peidou não, começou discutir com ele, foi se crescendo. Ele ficou logo de pé atrás, pro maluco meter uma dessa pra ele só podia ser costa quente. E era, o pai do menó era juiz, desembargador, sei lá, um bagulho desses que deixa os polícia com o cu na mão.

Maluco, o Cara de Macaco ficou doido, nego falou que ele saiu de lá espumando de raiva que nem cachorro, já subiu a ladeira na intenção de fazer uma maldade. O atividade viu e saiu voado avisando a rapaziada que tava na rua. Mas foi aí que ele palmeou o Buiú fumando um da laje com o Limão. Só que, tipo assim, nessa época vários polícia tinha mandado o papo que, se a gente quisesse fumar maconha, era pra fumar da laje. Até porque eles nem sabe como é que sobe nas laje, sempre foi o setor mais tranquilo mermo. Mano, o Cara de Macaco se entocou por ali até os menó descer. Quando eles desceu, ele chegou no sapato e guentou os dois, mas fez nada ali na rua não, que nem das outras vez. Levou os menó lá pra casa do Mestre, que já era base deles na época, e arrebentou os menó. Foi papo de a noite toda esculachando eles, vagabundo fala que até uma cenoura eles botou no cu dos moleques, mó vacilação.

O que o Cara de Macaco não sabia era que o Buiú era irmão de leite do Periquito da Rajada. E tu tá ligado, né, o maluco é piroca das ideias, papo reto. Até porque um cara que fala fino que nem ele, mermo sendo por causa de problema na garganta, pra ganhar moral na boca só sendo pica na hora da trocação. Foi quando a bala tava comendo direto que ele fez o nome, virou braço direito do dono do morro e os caralho. Então, o Periquito que já tava cheio de ódio desses polícia na Cachopa, explodiu de uma vez com esse bagulho do Buiú. Só falava que ia vingar o irmão. No começo vagabundo achava que ele tava falando porque tinha que falar mermo, mas que ia parar por aí. Depois de um tempo, nego começou acreditar que o bagulho era sério, tentaram até fazer ele desistir dessa porra, falando pra ele deixar esse bagulho pra lá, que ia dar merda pra geral se ele matasse o cara.

Mas já tava feito. Quando o cara é sujeito homem, ele não deixa qualquer um mexer com a família dele não. Nisso eu concordo com

ele. O foda é que o Cara de Macaco sempre fazia ronda com mais quatro, cinco, e aí trocar sozinho com essa cabeçada toda não dá, fica esquisito. O Periquito nem dormir mais dormia, virava as noite toda cheirando e planejando a vingança, até que chegou o dia que clareou a ideia e ele estourou a boa.

Precisava de uma novinha gostosa pra botar o plano pra frente, o que, modéstia à parte, aqui na Cachopa é que não falta. Mas não podia ser só gostosa não, tinha que ser uma mina sinistra, neurótica de pista. Foi aí que ele pensou na Vanessa. Por causa de quê, primeiro porque ela é gostosa pra caralho, segundo porque ela faz vida há um tempo já, tinha a experiência e a calma pra poder fazer o bagulho como ele queria.

O plano era levar o Cara de Macaco pra dentro de um barraco que ele alugou só pra fazer essa parada. Isso foi fácil. Vanessa chamou ele prum canto, assim até como se fosse um X9, falando que tinha que falar uma parada importante com ele. Aí ele foi, né, quem não ia? Ela disse que morria de tesão vendo homem de farda, que já tinha sonhado com ele várias vez e acordado molhadinha, falando com aquela voz que deixa qualquer um de pau duro na hora. Os outros cana queria ir atrás, achando que ia rolar um baca, mas ela disse que o bagulho dela era só com ele, e o Cara de Macaco gostou, nunca que deve ter fodido uma mina daquelas sem pagar, e foi nessa que ele mandou os maluco tudo voltar direto pra base.

O Periquito esperava o Cara de Macaco dentro do banheiro, com uma M16 apontada pra porta. A ideia dele era que a Vanessa entrasse no banheiro e aí, se tivesse tudo tranquilo, mandasse ele entrar pra receber a rajada. Mas, assim que eles entrou no barraco, o polícia foi tirando a roupa dela, que não é boba nem nada, foi deixando ele tirar, fingindo até que tava gostando. Conseguiu tirar o colete dele, depois a farda, ficou pelado os dois na cama. Ela tentou

sair pra ir no banheiro, mas ele num deixava ela sair. Foi aí que ela começou a gemer muito alto, pro Periquito ouvir mermo lá de dentro. Ele saiu do banheiro na encolha e, quando o Cara de Macaco viu, o bico já tava encostado nele. Vanessa desenganchou do verme e depois cuspiu naquela Cara de Macaco.

Uns menó ajudaram o Periquito a levar o corpo lá pra mata e ele botou fogo no cana. Depois ele teve que sair saindo do morro, já tinha sido avisado que o bagulho ia ficar doido se ele matasse o cara, e ficou mermo. Rolou várias operação aqui por causa dessa parada. Mas o papo é que depois de um mês já tava tudo numa boa aqui no largo da Cachopa.

Depois que não acharam de jeito nenhum o corpo do Cara de Macaco, saiu uma foto no jornal falando assim: "Filhos choram no enterro simbólico do tenente Roberto de Souza". Papo reto, até eu que odeio polícia, na hora senti um pouco de pena, vendo as criança naquela situação.

Primeiro dia

Quando terminou o ano letivo, André nem quis deixar os colegas escreverem na sua camisa. Era o seu último dia ali e ele estava de saco cheio daquela escola, da professora, dos alunos, de tudo. Além do mais, morria de vergonha toda vez que alguma gatinha perguntava onde ele estudava e tinha que responder: Antônio Austregésilo. "Porra, isso lá é nome de escola ou, pior, de gente?", ficava pensando. Ainda assim, se tratando de nome, se consolava porque alguns amigos estudavam em escolas com nomes piores, cujo som era um convite pra zoação instantânea, formando bordões do tipo: "Ubaldo de Oliveira, entra burro e sai caveira". Ou o clássico: "Djalma Maranhão, entra burro e sai ladrão". Pelo menos Austregésilo não rimava com nada, só carregava o mal de ser mesmo um nome muito feio. Além de tudo isso, ainda tinha o fato de André ser repetente numa escola primária, ou seja, cheia de crianças de sete, oito anos, quando ele já tinha onze, logo faria doze, se considerava praticamente um adolescente.

Tudo ia mudar estudando na Henrique. André tava todo confiante, certo de que havia estourado a boa. Sabendo que todo mundo respeita sua futura escola porque os moleques de lá são neuróticos, sonhava em ser neurótico também, aproveitar que toda semana tinha porrada contra o bonde lá da Getúlio e fazer seu

nome. Da região, a única escola que batia de frente com a Getúlio no porradeiro era a Henrique. A briga é parte de uma rivalidade que atravessa gerações, que hoje em dia ninguém é capaz de explicar como começou e muito menos prever como vai terminar, confronto que carrega uma série de histórias cabulosas que são contadas sem hora marcada pelas ruas de Bangu.

André sempre foi desligado. Nas aulas, nas missas, nos almoços de família. Estava sempre longe, fantasiando tudo com a mesma paixão e a mesma urgência. Só nas férias não sentia necessidade de ficar sonhando acordado. Preferia manter os pés no chão, correr bem rápido, sentir bater forte o coração. No entanto, dessa vez não conseguia ficar sem imaginar sua estreia na escola nova. Mesmo com a pipa, a bolinha de gude e o pião comendo solto durante o dia e o golzinho reunindo a galera toda quando caía a noite, arrumava uma brecha no pensamento pra sonhar com o futuro próximo.

Na véspera do primeiro dia de aula nem dormiu. Ficou a noite inteira se revirando no sofá-cama, imaginando sua vida nova na escola dos grandes. Agora teria oito professores, um pra cada matéria. Poderia reprovar em até duas disciplinas e fazer a dependência no ano seguinte. Estava decidido que entraria na primeira briga pra defender a escola, e lutaria com tanto amor à camisa, que cairia no gosto dos moleques mais velhos. Não que gostasse de brigas ou tivesse alguma habilidade especial com socos e chutes; até então havia sido medíocre nos confrontos envolvendo moleques da sua idade, mas não tinha outro jeito, carregava a certeza de que só assim receberia o respeito de que precisava. Caso contrário, sua vida seria um inferno, tomando miolo e sendo zoado de pirralho de segunda a sexta até chegar à sétima série.

Deixou em casa os lápis de cor, a régua, as canetinhas e todo o resto da lista de material que a mãe fazia questão de comprar inteira,

por mais que doesse no bolso, e levou apenas seu caderno do Flamengo e uma caneta Bic. Ter um estojo, sentar na frente, responder as perguntas do professor, são péssimas ideias pra quem pretende ser respeitado na escola.

Pelos buracos redondos na parede que serviam de janela, podia ver a quadra de futebol. Era grande, com cobertura e tudo, tinha até mesmo um vestiário pra tomar banho depois da aula de educação física. Embora estivesse nervoso, tentando controlar cada passo que dava, André ainda conseguia aproveitar um pouco o gosto de cada novidade.

Viu duas garotas sentadas no fundo da quadra, perto do alambrado, fumando um cigarro escondidas do inspetor. Acompanhou a cena com satisfação, pensando que era um pouco cúmplice das duas naquele momento. Sentia que estava crescendo, amadurecendo diante da vida nova que se apresentava. O que estaria fazendo quando completasse vinte anos de idade? Seria um empresário, jogador de futebol, paraquedista?

O último tempo antes do recreio foi de francês, André não entendeu nada. Não conseguia parar de olhar pra monocelha do professor, além de não se interessar nem um pouco pela língua. Queria mesmo era estudar inglês, porque todo mundo diz que dá dinheiro, e também por conta dos videogames. Sabia que, se aprendesse a língua que falavam os personagens dos jogos preferidos da rapaziada, seria convocado por todo mundo pra jogar junto. Naquela época, era mais fácil aprender inglês na escola do que ganhar da mãe seu próprio videogame. Só voltou a si depois de bater o sinal, ouvindo um colega da turma informar que CU em francês quer dizer "pescoço". Com essa informação, acabou simpatizando um pouco com a aula. Podia não servir pra nada o idioma, pensou André, mas que era engraçado era.

Na porta do refeitório estavam os moleques da oitava. André os viu logo assim que chegou no pátio, sabia que pra sobreviver ali precisava se manter firme diante de qualquer terror. “Não vai ter almoço pra ninguém”, eles disseram. André ficou olhando pra cara de cada um deles, tentava fazer a expressão mais dura possível, tentava parecer perigoso e imprevisível. “Bora geral pro banheiro”, disse um moleque meio playboy com cabelo de chapinha pintado de louro. E foram todos. Chegando lá, eles mandaram o papo de como funcionava a escola. André ouvia atentamente cada palavra. Parecia justo. “Todo novato tem que passar pelo teste”, disseram, depois de explicar as regras. André pensou logo que seria pederastia. Pra isso não estava preparado, não imaginava que na escola dos grandes, onde as meninas já fumam e transam, precisaria passar por esse tipo de coisa. Mas não era.

Tratava-se do teste da Loura do Banheiro. André conhecia muito bem essa história, e não conseguia acreditar que estava acontecendo. A Loura do Banheiro foi uma menina que se matou após ser estuprada no banheiro da escola. Desde então, toda vez que alguém fala “Loura do Banheiro” três vezes na frente do espelho, ela aparece. Depois disso é preciso fugir o mais rápido possível, antes que o espírito tome conta do banheiro, pois, se isso acontecer e você estiver presente, restam apenas duas opções: ficar maluco por conta da presença da menina ou ser abduzido pra dentro do espelho.

Uma vez André a desafiou por conta própria, por simples curiosidade, e conseguiu fugir. Mas sentiu tanto medo que prometeu a si mesmo que nunca mais, por nada nesse mundo, repetiria o feito. Disparou para os moleques:

— Ah, manda um teste de verdade, pô. Esse papo de Loura do Banheiro é pra assustar os menó lá da Antônio. — E riu meio sem graça.

Daí então, o moleque de chapinha sentenciou:

— Já que tu não acredita, tu vai ser o primeiro. Geral saindo do banheiro, rapaziada.

Saíram todos, a porta se fechou, as luzes se apagaram. André ardia pensando nos miolos que ia levar, nas gatinhas que não ia pegar, nas peladas que ia ficar sempre de outra, e em tudo de terrível que aconteceria se fraquejasse naquele momento. Firmou as pernas bambas no chão, respirou forte, olhou no fundo dos olhos do espelho e fez a oração: "Loura do Banheiro, Loura do Banheiro, Loura do Banheiro".

O rabisco

Não era pra estar ali. De repente, tudo se confundia: tomava cerveja, sentia saudade, orgulho, vontade. Um moleque brotou com tinta, uns papos de escolta, a bola de metal dançando na lata, o cheiro forte de adrenalina. Quando viu, já subia na direção do terraço do prédio assustado pela mulher apavorada que gritava: "Pega ladrão!".

O moleque da tinta era mais um desses que vivem rendendo homenagem pros pichadores que são mídia; querendo salvar cigarro, cerva, erva e, claro, tinta. Tudo na esperança de um dia partirem juntos prum mesmo rolé, de colocarem seus nomes na mesma marquise, beiral, janela. Ou até num tintão, chapisco, portão. O que importa é estar junto, sugando fama feito um carrapato chupa sangue. O mundo tá de saco cheio desses moleques, Fernando também.

Digo Fernando porque até então tinha ficado pra trás o nome que usava pra tatuar a cidade, já caminhava pro terceiro mês sem xarpi, nem nome de caneta tava mandando mais, evitava fazer o movimento das letras até com os dedos. No ônibus, buscava outras distrações que não fosse olhar pela janela: lia livros, jornais, mexia no celular, acompanhava o horóscopo nas TVs de propaganda. Mudava sua relação com a cidade na intenção de não ficar instigado

escoltando picos, marolando numa pá de nome foda que atravessam seus caminhos.

Desde que nasceu Raul, seu filho, Fernando fez de tudo pra mudar o rumo. Parada difícil, lutar contra os instintos. Não queria mais querer pegar aquele topo em tal lugar, nem ser reconhecido como Maluco Disposição nas reús ou ser chamado pra assinar por aquela sigla que é relíquia. Queria mesmo se preocupar com a cria, em se manter vivo, presente. Mas pra isso, ele sempre soube, precisava deixar o xarpi de lado, deixar morrer o personagem que ergueu com cara e coragem. Ou então, no mínimo, se arriscar menos, pegar as paradas no baixo, fazer um rolé mais tranquilo. O que, no fim das contas, significa uma morte muito pior.

De onde vieram os tiros não viu, impossível saber se foi polícia, milícia ou morador. O que na real pouco importa; na pista de madrugada sempre vai ser você contra o mundo. Por sorte o prédio era baixo, cinco andares só, já tava quase no topo quando a mulher gritou e aconteceu o caô. Ainda bem que estava em dia com seus reflexos: em dois tempos alcançou o terraço, conseguiu organizar sua respiração. Lá de cima caçou com os olhos o moleque da tinta, mas já tinha vazado o filho da puta, nem chegou a subir no prédio.

Pensou em jogar a lata, explicar que não era ladrão, que não tava ali pra levar nada de ninguém. Muito pelo contrário, queria deixar de presente sua marca naquela pastilha. Já sabia tudo o que ia fazer: o tamanho dos nomes em sequência, o espaço entre um e outro. Ainda ia mandar uma frase dos Racionais: “Pesadelo do sistema não tem medo da morte”, e dedicar pros amigos que deram a vida pela arte.

Acabou não jogando a lata. Pra quem veste a capa da justiça nesse tipo de situação, o pichador e o ladrão têm quase sempre o mesmo valor e o mesmo destino. Fernando tava ligado nisso tudo, conhece

bem seus adversários, resultado de anos dedicados a enfrentá-los. Não os despreza, porque compreende que são essenciais pro funcionamento do jogo. Afinal, tudo isso que é a pichação não teria o menor sentido se não houvesse tantos dispostos a tudo pra impedir as cores e os nomes que se espalham por ruas e propriedades. A partida só é possível quando os dois times estão em campo. Decidiu que era melhor esperar, acalmar o jogo. Se não vissem ninguém, logo metiam o pé. Não sairia com a vitória dessa vez, pois a pastilha continuaria carente de seus traços, mas estava convencido de que, em certas ocasiões, o empate acaba sendo um bom resultado.

O rabisco tem a ver com eternidade, marcar sua passagem pela vida. Fernando, assim como a grande maioria das pessoas, sentia a necessidade de não passar batido pelo mundo, e quando viu já andava com todos os pichadores de sua rua. Era muito louco desvendar os mistérios da arte proibida, ouvir as histórias de nomes que sobrevivem na cidade há mais de vinte, trinta anos, e que com certeza, mesmo depois de apagados ou derrubados os muros, sobreviverão na memória. Queria entrar pra história desse jeito, ser lembrado e respeitado pelas pessoas certas. Essa sempre foi sua maior motivação na hora de rabiscar. Mais do que fama, revolta ou estética, embora tudo isso conspirasse pra coisa toda fazer sentido. Queria mesmo marcar sua cidade e seu tempo, atravessar gerações na rua, se transformar em visual.

A chegada do filho é que embaralhava suas ideias. Era uma segunda vida, bem ali nos seus braços. Tinha seus traços, logo teria seu sorriso, seu jeito de falar. Mas pra isso não podia estar ali naquele prédio. Quando anunciou que ia parar, vagabundo caiu em cima, falando que nego não para pela mãe, mas para pela mulher. E,

por mais que incomodasse ser taxado como pau-mandado, Fernando nem se dava o trabalho de responder.

Tem dias que faz sol até de noite, o calor, o colchão encharcado de suor, não deixam as pessoas dormirem direito, muitas saem porque precisam respirar, por isso o bonde lá embaixo não parava de crescer, mesmo já passando das duas horas da manhã. Chegam sem entender o que está acontecendo, se informam do motivo da aglomeração, e então são envolvidas pela rua e a sua incrível capacidade de transformar pessoas comuns, que amam e choram, que sentem fome e saudade, em algo completamente diferente, numa unidade capaz de ir além dos limites de cada um dos indivíduos reunidos, que não se incomoda em ver o sangue escorrendo pela roupa do objeto atingido, se isso satisfizer a sua noção de justiça no momento exato do choque. Era mais uma vez a sede de fazer justiça contra o desconhecido, como sempre foi, desde o início dos tempos. Fernando olhava sem surpresa a aglomeração. Rabisco é risco, o homem é ruim, sempre soube. Pra cada ação uma reação e cada um que segure sua bronca.

Vontade que tinha era de meter a cara e pichar o prédio inteiro, na frente de todo mundo. Mostrar que mesmo depois da tinta marcar a propriedade a vida continua, até que uma força superior — como a de um Deus ou de uma arma — resolva interromper.

Tentava, mas não conseguia perceber o momento exato em que se deixou levar, em que uma força venceu a outra até chegar ali. A sensação que dava era de que a vida nunca deixa espaço pra planejar nada, as coisas vão todas acontecendo de um jeito ou de outro, sempre atropelando tudo o que é projetado. Só no futuro — quando ele vem — é que dá pra entender, rir ou chorar as histórias vividas.

Fernando lembra do pai batendo na porta. Era um som duro. A mãe dizia: “Ninguém abre!”. Só deixava o homem entrar quando estava sóbrio, e ela conhecia as batidas de quando estava bêbado. Gastou um dinheiro com aquele monte de fechaduras, mas os filhos não iam mais ter que ver o pai estirado no chão da cozinha. Fernando sentia vontade de abrir a porta, lembrava do velho ensinando ele a soltar pipa, levando pro festival na Quinta da Boa Vista, fazendo balões pra soltar em dia de santo.

Teve um mau pressentimento. Pela primeira vez desde o início da noite sentiu que as coisas fugiam completamente do seu controle. Não demorou pro desespero tomar conta de seu corpo. Alguma parada no meio de tudo que acontecia denunciava que dessa vez não passaria batido. Não era nada parecido com um filme revelando a vida antes da morte, como dizem. E sim uma memória viva, desordenada, indo e voltando o tempo inteiro, pulsando em colapso pela total incerteza, batendo com a mesma força e velocidade do coração. Era uma dor, um medo, um ódio da vida, tudo junto, misturado com o prédio, os tiros, o filho, a mulher gritando, aquela gente toda lá embaixo.

Dessa vez a adrenalina jogava contra. Gritava o mesmo mantra de sempre, de que a vida é uma só, mas tinha o efeito contrário. Ao invés de alimentar a coragem, sufocava. Como sempre sufoca o corpo que é dominado pelo medo.

No tempo em que ficou sem xarpi, Fernando gostava de chegar em casa cedo, saía correndo do trabalho pra receber o abraço da mulher, o sorriso ainda sem dentes do filho. Às vezes levava alguma coisa da rua pra comerem, nos fins de semana bebiam vinho ou cerveja, dependendo do clima. Gostava de quando deitava na cama e, ao invés de ficar lembrando das escoltas que tinha pra pegar na pista, só conseguia pensar na sorte que tinha por estar vivo.

Do alto do prédio, escoltando a patrulha improvisada, Fernando não resistiu, pensou no pai. Em como, depois de desistir de atravessar a porta, ficou jogado de um lado pro outro em casa de parente, até ficar quase por definitivo na rua, gastando o dinheiro todo da aposentadoria em cachaça. Lembrou das vezes em que disse por aí que seria melhor pro filho do que o pai foi pra ele, que daria pra Raul tudo o que não teve. Naquele momento, sentindo o peso de suas escolhas, teve a força necessária pra sair um pouco do lugar onde sempre esteve. Uma pena estar morto, o pai, e não adiantar nada aquela vontade que vinha de pedir desculpas.

Como estava não podia ficar. Precisava resolver a situação, tomar o controle, estudar as possibilidades. Será que o bonde lá embaixo já o tinha visto? Achava que não, queria acreditar que não, mas quem passaria tanto tempo procurando alguém sem nenhuma pista? Era melhor aceitar, já deviam tê-lo visto, estavam esperando, só pode.

Nesse caso, não existia forma de sair dali que não fosse na base do desenrolo. Não falasse nada, podia muito bem, tentando a fuga, levar um tiro; no susto, nunca se sabe. Jogou a lata, esperou alguns segundos pra ouvir o som que confirmava a entrega de sua mensagem, depois gritou: “Sou pichador!”, e se sentiu vivo.

Depois dessa primeira tentativa de conversa, um morador abriu as portas do prédio e subiram os homens. Ficaram ainda alguns lá embaixo, escoltando uma possível fuga. Estava declarado que não queriam conversa. Fernando sabia que esperando ali não corria o risco de levar um tiro à queima-roupa. Não com tanta gente acompanhando a história, dentro de um prédio residencial. Com certeza levaria um couro bem dado. Chutes e socos descontando a espera e sabe-se lá quantas outras frustrações.

O foda é que porrada também mata. Impossível esquecer o tanto de amigo que se foi depois de apanhar na pista, com traumatismo

craniano, hemorragia interna. E, mesmo que não fosse sua hora, que sobrevivesse à surra, ia precisar explicar em casa aqueles hematomas todos, e saberiam que voltou a pichar, que cedeu ao vício, e o julgariam fraco e também hipócrita, por viver reclamando que seu pai o havia trocado pelo álcool e agora trocava seu filho por tinta.

Com o peso do corpo quebrou o telhado do prédio ao lado, o barulho pegou todos de surpresa, atravessando o silêncio e aquela tensão estática da noite até o momento. Por sorte não era longe o chão, o telhado servia de proteção pro depósito do prédio, onde se encontrava todo tipo de tralha. O lugar perfeito pra se esconder, pensou. E só então pôde sentir doer o pé, doer muito, como se tivesse torcido ou, ainda pior, quebrado. O melado escorria, encharcava a calça, podia sentir o cheiro e o calor subindo.

Conseguiu se arrastar pra trás de uma das madeiras grandes empilhadas, onde se sentiu mais protegido. Tinha vontade de gritar toda aquela dor, berrar todos os palavrões que conhecia pra ver se a dor passava, quando ouviu um, dois, três tiros. Todos pro alto, como denunciava o eco. Na certa disparados na intenção de assustá-lo, pra que se mexesse denunciando sua posição.

Depois do barulho dos tiros, entrou num silêncio e numa escuridão diferente de todas as outras que conhecia. Não demorou muito pra entender tudo o que existia a sua volta, certezas e mais certezas corriam por suas veias, ele vibrava. Estava claro, era sim pra estar ali. Aquilo era sua vida e sua história, e, mesmo se sentindo fraco e egoísta, concordou que não podia mais lutar contra o inevitável. Antes de desmaiar conseguiu ainda sonhar com o dia em que voltaria ali e mandaria seu nome em sequência nos dois prédios. Loki.

A viagem

Para o Rapha, é claro

Eu havia desembarcado em Arraial do Cabo com a intenção de romper o ano num lugar tranquilo. Longe daquela loucura que era Copacabana, onde muitos de meus amigos planejavam passar a virada. Era o primeiro fim de ano ao lado de Nanda. Estava completamente apaixonado. Esperava que a viagem nos unisse ainda mais, proporcionando experiências impossíveis para nossa vida universitária no Fundão. O lugar era lindo e vibrante. Muito distante do nosso passado recente de trabalho atrás de trabalho, xerox atrás de xerox, cobrança, falta de tempo, ansiedade.

Chegamos e encontramos o Gabriel à nossa espera, eu estava feliz de saber que passaríamos juntos os últimos dias do ano. Gabriel é o meu amigo mais antigo, a quem contei todos os meus primeiros segredos e com quem compartilhei as primeiras descobertas, e sua presença num momento de tantas mudanças era um alívio. Certas coisas devem realmente permanecer como sempre foram. Naquele momento, eu precisava ter essa certeza. Por sorte, Nanda simpatizava com ele, ele simpatizava com ela, o que facilitou tanto pra que Gabriel fizesse o convite quanto pra que Nanda aceitasse.

A casa era do Juan, um argentino, primo de Gabriel. O gringo era do tipo feliz e desastrado; como normalmente são os gringos muito louros, pelo menos quando estão de férias. Quando se mantinha

calado, não tagarelando suas palavras castelhanas, conservava certo charme. No entanto, gostava mesmo era de falar e rir o mais alto possível. Gostava muito de uma boa erva e trazia altos camarões da melhor qualidade, de modo que em menos de duas horas fumamos respeitáveis três baseados.

Era uma casa simples, vazia, um canto perdido num lugar bonito, ideal para passar uns dias e curtir a vida. Tinha dois quartos, um banheiro pequeno, uma cozinha que se ligava à sala e uma rede na varanda. Era minha primeira vez em Arraial, e eu estava louco para explorar cada centímetro daquela terra.

Pra retribuir a hospitalidade e a boa erva, desentoquei dois quadrados de LSD de dentro da mochila. Pedi a Gabriel que fosse correndo buscar uma tesoura para que pudesse repartir os doces. Quando entendeu o que estava acontecendo, Juan levantou exaltado, gritando: "*No, no, no*". Passava as mãos na cabeça, soltando palavras num espanhol embolado, ficou vermelho feito um camarão. Fiquei desconcertado com a cena que se formava. Olhei pra Nanda, ela também parecia confusa. Seria Juan um desses maconheiros intolerantes a outras drogas, até mesmo as lisérgicas?

Gabriel, que voltava com a tesoura, estourou uma intensa e agressiva gargalhada quando percebeu o que se dava. A maconha que fumávamos era de qualidade muito superior à daquela que eu estava acostumado a comprar nas favelas de fácil acesso ao Fundão. Digo isso para justificar o fato de estar muito louco vendo tudo acontecer em câmera lenta.

A voz de Juan ecoava dentro de mim acompanhada pela gargalhada de Gabriel e pelo desconforto de Nanda. Fiquei nervoso e envergonhado, me sentindo um belo de um zé-droguinha querendo dropar um doce às duas da tarde sem nenhuma razão especial além do nosso encontro.

O que será que Nanda estava pensando daquilo tudo, será que ela me via como mais um drogado metido a artista, como muitos na universidade? A gargalhada de Gabriel parecia eterna, se espalhava por todos os cantos da sala e da cozinha, batia nas janelas e paredes e voltava vibrando cada vez mais forte. Quando finalmente silenciou, me disse que Juan estava pedindo pelo amor de Dios que guardasse os ácidos para a noite de réveillon, que não sabia onde encontrar doces por ali e não queria perder a oportunidade de estar fritando na hora da queima de fogos. Fiquei profundamente aliviado. Senti minha respiração retomando o fluxo natural. É provável que tudo isso não tenha durado mais de um minuto, no entanto, dentro de mim pareceram horas. Aquela erva era realmente um soco na mente.

Mandei Gabriel dizer ao nosso anfitrião que não se preocupasse, que certamente estaríamos surtados durante a virada de ano, com a cabeça feita pelo bom e velho bike 100. Enquanto Gabriel traduzia minha mensagem, apanhei da mochila as duas cartelas de ácido que me acompanhavam, prontas pra nos fornecer a loucura necessária, e até mesmo um dinheiro pra ajudar nas despesas. Era boa a sensação de deixar de ser um zé-droguinha pra se transformar no salvador da pátria.

O gringo ficou emocionado. Olhava com devoção pros quadrados coloridos. Foi uma cena estranha e bonita. Gabriel largou mais uma de suas estrondosas gargalhadas, mas dessa vez não me assustei nem me oprimi, pelo contrário, fui contagiado pela energia forte do seu riso e soltei também minha gargalhada. Seguindo o fluxo, Nanda se entregou ao momento com seu riso agudo e sincopado. Por último, depois de longo tempo analisando os doces, Juan também se juntou a nós. Era um som feliz e desesperado. Fomos vítimas de um legítimo ataque coringa.

Cortei os dois quadrados em quatro partes (quase) iguais, e ficou (praticamente) metade pra cada um. Dropamos o papel e quase não dava pra sentir o gosto amargo da maioria dos ácidos. Nanda e eu sabíamos que, mesmo sem gosto de nada, o quadrado era bom. Havíamos tomado um quartinho no meu quarto no alojamento e ficamos mucho locos, conversando sobre a nossa infância, com a promessa de sermos sinceros o máximo possível um com o outro, sem ocultar nada, nem os episódios mais vergonhosos ou humilhantes. Depois fiz um desenho dela deitada nas minhas almofadas que ficam encostadas na parede com janela.

Após uns vinte minutos, nossa euforia havia passado. Fizemos ainda alguns comentários rasos sobre viagens psicodélicas, tentando explicar algumas ondas, mas é sempre impossível descrever o que acontece depois que o ácido bate na gente, e logo nos calamos, esperando a onda bater, curtindo a lombra da maconha.

Eu já sentia vontade de queimar mais um. Além do gosto suave da erva fresca, certamente um baseado ajudaria a trazer de uma vez por todas a brisa do lisérgico. Estava com vergonha de pedir ao gringo que apertasse, e com mais vergonha ainda de apertar um da erva prensada que levei na mochila.

Decidi acender um cigarro. Na hora me ocorreu que talvez o animasse a fazer mais fumaça (doidão a gente tem cada ideia!). Entre um trago e outro fui percebendo que Juan estava inquieto. Até que meteu a mão nos bolsos, na tentativa de pegar alguma coisa. Como não encontrou, foi percorrendo a sala, procurando. Não pude conter o pequeno sorriso, achando que ele procurava a maconha por conta da influência indireta da fumaça azul que tomava conta da sala, ou por estar sendo coagido telepaticamente pela vontade que tomava conta de mim.

Toda essa ilusão se desfez no momento em que percebi que Juan tinha encontrado o que procurava, e era uma cápsula enorme cheia de cocaína. Gabriel esbugalhou os olhos e soltou sua gargalhada.

Enquanto trabalhava o pó, o gringo nos oferecia e ria. Seus olhos brilhavam diante do prato. Era quase deprimente, mas existia dentro dele uma felicidade e plenitude em realizar aquele trabalho que o mantinha digno em seu exercício. Gabriel nunca cheirou cocaína, é um moleque tranquilo em relação às drogas, além de maconha só usa doce e lança-perfume (em ocasiões especiais). Pediu uma rapinha pra Juan apenas pra passar na língua e sentir a boca dormente. Depois ficou ali, observando curioso o trabalho apaixonado do primo.

Juan me ofereceu uma linha, que recusei em espanhol: "*No, no, muchas gracias*". Em seguida ofereceu a Nanda, com um tom absolutamente gentil. Não sei como funcionam as coisas lá na Argentina, mas, por aqui, o comum é oferecer drogas (sobretudo as mais pesadas) apenas pras pessoas que temos certeza de que fazem uso regular. Olhei pra Nanda tentando não comunicar nada com o olhar, tentando não pesar de maneira alguma na sua decisão. Ela me encarou um breve momento antes de aceitar a linha oferecida pelo gringo.

Meu coração disparou, eu não entendia exatamente por quê. Quase mudei de ideia, aceitando também uma linha da branca fina, mas já era tarde. Não queria parecer tão facilmente influenciado pelas atitudes de Nanda. Senti ciúmes ao ver que compartilhavam o canudo feito com uma de dois reais.

Depois disso, partimos pra praia. Juan e Gabriel puxavam o bonde, conversando animados em espanhol. Eu caminhava ao lado de Nanda, seguindo o ritmo de seus passos. A onda começava a bater, e vinha pesada. Estava realmente curioso e admirado com a

forma dos dedos de minhas mãos, pensava: "Caralho, somos perfeitos e únicos. Como é especial poder viver uma vida e estar aqui, nesse lugar cheio de árvores e céu, fechando mais um ano de vida. Como são lindas as casas nessa rua! Como parece tranquila a vida dessa gente!".

Nanda fungava de vez em quando. Não era acostumada com cocaína. Sinceramente, eu sentia um pouco de medo que ficasse muito pancada misturando o doce com pó, ficando travadona, batendo neurose com tudo. Seu rosto estava sério, impenetrável. Comecei a sentir a necessidade de saber o que passava em sua cabeça.

— O que você acha do Juan? — perguntei.

— Ele é muito louco. Não entende nada que a gente fala, ainda assim leva o maior papo, dá risada, brinca. É um cara intenso. Acho que ele realmente acredita que é feliz, e por isso consegue viver intensamente essa felicidade.

— Quando você diz "muito louco" quer dizer "muito drogado"? — continuei.

— Nessa época do ano todo mundo fica exagerado. Uns no estresse, outros no amor, na ansiedade, na culpa, na busca pela liberdade. Ficamos mais vulneráveis a nós mesmos, essa é a verdade. O Juan está se entregando, dropando as ondas desse fim de ano. Porque essa época sempre nos ataca como o fim do mundo. E o fim do mundo ou nos dá vontade de viver a vida até que tudo exploda e depois venha a calma do vazio ou nos deixa decepcionados por saber que terminaremos incompletos. É por isso que em dezembro devemos ser fortes.

— Você acha que ele é gay?

— Você é muito engraçado, Rafa. Ficou interessado no gringo, foi? Olha que você ainda não conhece esse meu lado, mas sou ciumenta,

hein?

Uma enorme felicidade me invadiu quando chegamos à praia. Corri imediatamente ao encontro daquelas águas cristalinas que de longe formavam um azul infinito. Gabriel veio na sequência. Furamos juntos a pequena arrebentação, rindo e nadando lado a lado. A água estava gelada e o sol estava forte, dando mais uma prova do equilíbrio universal.

Nanda ficou na areia, sentada sobre sua canga de Ganesha. Quando percebi, já estava de biquíni. Fiquei tão entusiasmado com o mar que nem me toquei de ficar de olho em Juan, observar se o gringo reparava demais nas curvas de Nanda enquanto ela tirava a roupa. Já estava esperando uma olhada, até mesmo de Gabriel. É impossível não olhar o milagre que é uma mulher tirando a roupa. O que eu queria ter visto era se o gringo tinha ou não malícia no olhar.

Fiquei observando os dois na areia. Juan viajava olhando para o céu, quase imóvel com o sol batendo na cara. Nanda fitava o mar. Séria. Parecia refletir sobre a existência de toda aquela água e sobre qual acontecimento fantástico permitiu que nossos átomos se juntassem naquele lugar, naquele exato momento. Às vezes Nanda pensa demais. Gabriel nadava de um lado pro outro, mergulhava, gritava, sempre achei bonito de ver a liberdade tomando conta do seu corpo.

Após algum tempo o gringo foi pra beira da praia. Olhava as pequenas ondas quebrando bem diante de seus olhos. Nanda estava certa, ele sempre fazia tudo com inteira dedicação, fosse rir, fumar maconha, cheirar cocaína, olhar para as ondas. Ela estava deitada tomando sol, totalmente relaxada sobre a areia branca. O gringo decidiu entrar na água, veio em nossa direção correndo e rindo.

Fiquei fascinado com os milhares de tons de azul que cabem numa única tarde. Coloquei meu corpo para boiar na água, com os olhos fechados sentia o calor e o brilho que pousavam sobre mim, pensava: “Por mais que nunca tenha estado antes nesta praia, sinto que sou íntimo dessas águas, como se tivéssemos nos encontrado muitas outras vezes pelas praias por onde passei, até mesmo em alguns rios. Somos amigos. Por isso a água dessa praia que, aparentemente, me desconhece, aceita tão bem o meu corpo, permite que me equilibre em harmonia com todas as criaturas do universo marítimo”.

Quando a Nanda finalmente decidiu entrar na água, foi a maior festa. Ficamos os quatro brincando e rindo e disputando pra ver quem conseguia ir mais fundo buscar areia. Naquela altura, estávamos completamente surtados e felizes, vibrando por viver aquele momento juntos. De modo que até mesmo meu ciúme e minha neurose resolveram dar uma trégua.

Parecia que estávamos naquela praia todo o verão, então nos despedimos de lá para continuar explorando o que restava de Arraial. Foi tudo muito rápido, não me recordo o momento exato em que tomamos a decisão. Só mesmo quando já praticamente chegávamos à praia seguinte é que fui entender o que estava acontecendo. Fiquei muito animado. Era exatamente o que eu precisava: explorar pra transcender.

Caminhamos durante horas e vimos as mais belas praias do mundo naquele dia. Eu estava exausto, sentia minhas pernas implorando por descanso. No entanto, conservava em mim ainda alguma disposição alucinada que com certeza seria capaz de me fazer andar muito além do meu limite comum. Como estariam meus companheiros de viagem? Quero dizer, o que será que estava correndo no íntimo de cada um naquele momento? Fazia um tempo

que não nos comunicávamos com palavras, apenas com pequenos comandos e gargalhadas. Ataques coringas que duravam em média cinco minutos, alguns ainda mais longos, provocando uma terrível e deliciosa dor no estômago. Uma energia misteriosa nos abençoava, eu quase podia tocar nela. Até que Gabriel interrompeu meu momento de êxtase avisando: "É melhor a gente voltar, já vai escurecer".

Decidimos voltar pelas dunas. Juan garantiu que se apertássemos o passo conseguiríamos chegar ao centro da cidade antes da noite. Adorei a ideia. Era incrível andar sobre aqueles morros de areia branca. Há quanto tempo estariam amontoados todos aqueles grãos? Como seria a forma antiga de cada grãozinho daqueles espalhados pelo mundo antes de sua grande transformação? Quantas pedras estilhaçadas pelo tempo são necessárias para nascer uma duna?

Foi no meio desses pensamentos que percebi que estávamos sendo seguidos. Eu já tinha visto os caras antes, eram dois caras louros e fortes com pinta de playboy rato de academia, "*no pain, no gain*". Caminhavam atrás de nós a uma distância média. A princípio concluí que simplesmente passeavam por ali, mas logo percebi que adotavam praticamente o mesmo ritmo de nossos passos, e também escolhiam os nossos caminhos.

Não queria preocupar o grupo até ter certeza de que ia dar merda. Não queria pagar de o doidão neurótico que deixa o bonde todo preocupado. Mas acontece que a sensação de estar sendo seguido foi crescendo em mim, me sufocando. Alguma parada muito estranha estava pra acontecer, sentia isso como a maior verdade de todos os tempos. Tive a certeza de que seríamos atacados e dei o alerta. Nanda e Gabriel acharam graça quando conferiram o naipe dos meliantes: louros e bem alimentados. Não deu outra: fui taxado de o Doidão do Bonde.

Larguei o foda-se e saí correndo, puxando Nanda pelo braço. Ela correu junto gritando e rindo: “Tá doidão, Rafa, tá vendo coisa, meu amor?”. Juan e Gabriel pararam de andar pra assistir a cena, mas logo saíram voados também, porque os caras esticaram em nossa direção. Eram de fato da geração saúde e corriam numa velocidade muito superior à nossa, além de se mostrarem conhecedores da região tomando atalhos que os traziam cada vez pra mais próximo de nós.

O primeiro a ser alcançado foi Gabriel, rolou pela areia com o bandido. Nanda corria do meu lado, estava apavorada. Numa fração (quase) insignificante de segundo nos desviamos. Ela tomou um caminho que a conduziu pra baixo, enquanto minha rota me fez seguir pra parte alta dos morros de areia.

Nessa hora eu não fazia a mínima ideia de onde estava o gringo, e era importante saber por ele ser o mais forte (fisicamente) entre nós, uma peça fundamental pro combate que se anunciava.

O outro cara se aproximava cada vez mais de Nanda. Aquilo não podia estar acontecendo, não naquele dia, nem daquele jeito. Arranquei na direção do meliante, calculando instantaneamente o tempo e a velocidade necessária pra chocar meu corpo contra o dele.

Foi uma cena inacreditável: bati meu ombro contra o corpo inimigo. Meu corpo magro e malnutrido foi capaz de derrubar aquele brutamontes, graças ao ódio que sentia. Caímos rolando na areia. Me sentia um zagueiro de futebol americano derrubando o adversário na partida mais importante de sua vida. Juan apareceu do nada e saiu em disparada com Nanda enquanto entrávamos na porrada.

Não sabia como agir naquela briga, estava tudo muito confuso pra qualquer estratégia de batalha, fiquei me batendo e me contorcendo pra tentar impedir que fosse imobilizado. Quando finalmente

consegui me afastar um pouco de meu oponente e raciocinar o mínimo que fosse sobre a situação, gritei:

— A gente não tem nada pra perder não, meu parceiro, a gente só tava curtindo a praia.

Então meu rival respondeu gritando pro outro que se engalfinhava com Gabriel:

— Iá lá, não é gringo não, cara, não é gringo não!

Gabriel então se cresceu afirmando:

— A gente é morador, porra. Respeita morador, caralho.

E assim os ladrões de internacionais se foram. Do nada. Sei que parece mentira, mas assim é a vida. Inacreditável. E o pior foi ter passado por tudo isso ao lado de Nanda. Com certeza aquilo ia reverberar no nosso relacionamento, mas de que maneira?

Seguimos o caminho percorrido por Nanda e Juan. Não conhecíamos nada do lugar e estávamos num nível de confusão extrema, que nos fazia incapazes de planejar os próximos passos. Logo demos de cara com um pântano enorme. A noite começava a tomar conta de tudo, e em poucos minutos se tornou impossível enxergar qualquer coisa poucos centímetros à frente. Caminhávamos cuidadosamente gritando o nome dos dois. Nada. Fui ficando com vontade de chorar, e chorei. Por sorte a falta de luz não deixou que Gabriel percebesse. Eu não conseguia organizar os acontecimentos de maneira que fizesse algum sentido, só sentia um peso enorme caindo nos meus ombros. Era a pior bad que jamais poderia imaginar.

Chegamos ao final do pântano e logo adiante estava o centro da cidade. As ruas estavam desertas. Nenhum sinal de Nanda ou Juan. Meu coração batia desesperado, pesado e forte diante das possibilidades de tragédia que me vinham à cabeça. Até que Nanda gritou meu nome de dentro de uma farmácia e pude respirar um

pouco. Juan estava junto. Ela havia entrado no estabelecimento pra comprar um vidro de mertiolate, suas pernas estavam cheias de sangue.

— A gente saiu correndo pelo pântano antes que escurecesse de vez. Saí trombando com todos os espinhos do mundo. Sentia todos eles cortando minha pele, pondo pra fora o meu sangue, mas não sentia dor. Na hora, acreditei que era pelo fato de estar com o sangue quente, desesperada, morrendo de medo e, por isso, alheia aos meus sentidos. Mas agora que já me acalmei também não sinto nada. É muito estranho estar ferida, saber que estou ferida e não sentir a dor — Nanda me disse.

Juan permanecia o mesmo que encontramos no começo do dia: feliz e desastrado. Parecia não ter entendido nada do acontecido, e também parecia não querer entender. Eu só queria cair na cama e dormir. Quando acordasse, faltariam apenas dois dias para a grande virada. O que mais este ano ainda me reservaria?

Estação Padre Miguel

Na época estava proibido fumar crack na Vintém. As coisas tinham fugido do controle: muito roubo, briga, perturbação. Crack é foda. O que traz de dinheiro, traz de problema pra quem trabalha na boca. Pro morador é ainda pior, porque aí é só perrengue, vergonha, preocupação. Uma coisa era certa: parar de vender, os traficantes não iam, já estavam acostumados demais com os lucros da pedra. A saída que encontraram foi criar essa lei proibindo o consumo dentro da comunidade. Pra falar a verdade, não lembro com certeza se a ordem valia pra toda a favela, ou apenas pra linha do trem, onde a parada era mais frenética.

Na linha, tenho certeza, estava proibido. Tanto que quando chegamos não tinha uma alma viva por lá. Da cracolândia só restava o lixo e o cheiro: copos de Guaravita, pedaços de roupas, filtros de cigarro, merda humana, isqueiros sem gás. Sentamos em cima dos trilhos, onde era sempre mais limpo do que as encostas do muro que cerca toda a linha do trem até chegar na estação. A noite tinha acabado de cair, e quando o consumo era liberado era esse o horário de pico. Juntava gente que saía do trabalho, da escola, os que desciam do trem e os que acampavam pela favela. A noite protegia os que tinham medo de explanar o vício. Quando escurecia, na

linha do trem ninguém tinha mais nome nem rosto pra quem passasse de fora, era tudo um único monte de viciado.

Não costumava mais fumar ali. Além do cheiro e da sujeira, com o tempo aquela reunião de gente desesperada por pedra começou a me fazer mal. Só marcava quando precisava pegar o trem pra algum lugar, dava um dois rapidinho e subia a estação. É engraçado, porque no auge do crack pelas ruas de Bangu, assim como todo mundo, eu ria de piada de cracudo, fazia piada de cracudo, mas a verdade é que, nas vezes que me demorava demais na cracolândia, começava a imaginar as histórias daquelas pessoas antes da pedra e sentia vontade de chorar.

Sempre lembro de uma mulher que conheci na linha do trem. Primeiro ela tentou me vender um guarda-chuva, depois me contou que toda a sua família era de Alagoas, e que ela deixou todos pra trás pra vir pro Rio com o marido, tentar a vida, porque lá tava foda dele arrumar emprego. Contou também que logo, assim que chegaram aqui, a filha do casal nasceu e que hoje ela tem nove anos. Contou também que de vez em quando ele aparece ali na linha, leva ela de volta pra casa, dá banho, dá surra, tranca as portas. Mas não adianta, ela sempre consegue fugir da família. Depois começou a chorar. Chorava alto, abrindo a boca, deixando o catarro escorrer pelo nariz, sem nenhum constrangimento por eu estar ali assistindo. Enquanto a mulher caía em prantos, fiquei analisando o que restava de seus dentes, pensando se era verdade aquela história ou se ela só estava se esforçando muito pra me comover e conseguir algum dinheiro. “É um homem bom, não merece mulher que nem eu”, ela me disse, depois pediu um abraço. Pude ver que dos seus olhos escorriam lágrimas de verdade e, como não tinha dinheiro no bolso traseiro da calça, cedi.

— Essa maconha de dois tá sempre uma merda quando vem nessa dola preta — eu disse, enquanto abria os trabalhos.

— Tá ligado, bom é quando vem no saquinho amarelo. Teve uma época que dava pra apertar dois baseados maneiros com uma dola só, tu lembra?

Rodrigo sempre falava dessa época, e eu sempre concordava, mesmo que não tivesse certeza se lembrava de fato; as cores dos saquinhos de maconha de dois viviam mudando na Vila Vintém.

Além de mim e do Rodrigo, estavam Felipe, Alan e Thiago. Naquela época a gente não se desgrudava nunca, qualquer missão que fosse a gente tava junto. Eu não fazia a mínima ideia do que fazer com a minha vida, mas sentia que o que quer que fosse pra ser feito, seria ao lado deles.

O combinado era passar ali na Vila, fazer a cabeça, depois pegar o trem na direção de Bangu pra visitar a filha do Léo que tinha nascido. Era mais um entre a rapaziada que virava pai. Lembro que naquela noite, a caminho da missão, pensei pela primeira vez se amizades que construímos na adolescência são capazes de sobreviver à vida adulta.

— Palhaçada esse beck, papo reto. Tá sentindo esse gosto de amônia, queimando a garganta? — comentou Alan pouco depois de rolar o baseado.

— Às vezes chapa, mano. Várias vezes peguei maconha assim e no final do beck tava geral de cara murcha. O importante é dar onda — respondeu Thiago, na maior tranquilidade, passando goma pro baseado queimar mais devagar.

Não adiantou. Mesmo gomado e sem vento, o baseado queimava rápido por conta da erva seca, chegou nem a dar duas voltas na roda. E todos nós continuamos de cara.

— O bagulho é apertar outro. Já andamos até aqui, quero fazer a cabeça — disse o Rodrigo, já preparando um corte no sedanapo.

Felipe era o missionário do bonde. Se metia nos trens e ia onde quer que fosse atrás da boa. Desde que nos conhecemos, rodou umas cinco vezes, algumas passando por umas paradas sinistras. Mesmo assim, pra ele os números jogavam ao seu favor; se for contar todas as vezes que foi buscar maconha longe de casa e passou batido, cinco não é nada. Repetiu a ladainha:

— Por isso que eu sempre falo que é melhor a gente juntar uma grana e ir buscar um peso lá no Jaca, na Mangueira, Juramento, Antares, sei lá, mano, maconha boa. Isso que eu quero. Ficar fumando esse chá de burro é foda.

— Correto, meu mano, também acho. Mas tem que ser pra pegar uma parada maneira, se for pra comprar dez conto de erva é melhor comprar aqui mesmo, que é perto de casa — respondeu Thiago.

Eu já tinha escutado essa conversa um milhão de vezes, tinha certeza que na sequência o Felipe responderia:

— É disso que eu tô falando, porra. Cada um bota dez conto e a gente pega logo uma de cinquenta pra ficar tranquilo.

Sorri da precisão que tive prevendo aquelas palavras. Essas conversas repetidas às vezes me enchiam o saco, por fazerem parecer que estávamos sempre repetindo os dias. Mas algumas vezes eu me envolvia, e conseguia sentir todo o prazer contido nas conversas decoradas.

— Vocês só falam de droga, nunca vi.

— Isso é porque o mundo tá drogado, irmão. Até parece que tu não sabe. Já te falei, vou falar de novo: uma semana sem drogas e o Rio de Janeiro para. Não tem médico, não tem motorista de ônibus, não tem advogado, não tem polícia, não tem gari, não tem nada. Vai ficar todo mundo surtando de abstinência. Cocaína, Rivotril, LSD,

balinha, crack, maconha, Novalgina, não importa, mano. A droga é o combustível da cidade.

O Alan adorava falar isso, a gente adorava ouvir.

— A droga e o medo — concluí.

No meio desse papo já rolava o terceiro baseado, e nada. Só uma pressão estranha na cabeça, uma tontura. Fiquei pensando se a mulher do Léo, a Amanda, não ia ficar bolada com aquele bando de maluco chegando na casa deles com cheiro de amônia. Já deviam ser no mínimo umas oito da noite. Quis alertar o bonde, mas preferi deixar quieto. Eles iam dizer que a Amanda é tranquilona, sempre fechou com a rapaziada. E era verdade. A mina era doidera igual à gente. Antes da filha nascer, curtimos várias vezes a Lapa com ela e com o Léo, e ela era uma das mais sinistras quando a Coca-Cola acabava e a gente tinha que beber a vodca pura. De qualquer forma, um filho sempre muda a pessoa, fiquei pensando se eles não iam preferir essa visita numa outra hora, outro dia.

— "Lua vai iluminar os pensamentos dela, fala pra ela que sem ela eu não vivo, viver sem ela é o meu pior castigo…"

— "Vai dizer…"

A música tocava no barzinho atrás da parede da estação. Não me lembro bem, parece que o Felipe puxou o bonde cantando junto com o vocal do Katinguelê e logo fomos atrás, batendo palma, abrindo os braços, dando risada. Até cairmos no silêncio absoluto.

Eu nunca entendi esse movimento. Quero dizer, sempre me senti profundamente incomodado com esses silêncios inexplicáveis. É sempre como se alguma coisa estivesse rompendo. De um momento pro outro tudo se desfaz, tudo desaba, e ficamos sozinhos frente ao abismo que é a outra pessoa. Daí vem uma vontade de falar não sei o quê, só pra tentar reunir uns pedaços da gente, meia dúzia de restos espalhados pelo mistério que é a convivência.

— Amanhã eu vou lá no Jacaré, então. A missão de cada um é arrumar dez conto até meio-dia, que eu vou partir. Pode deixar que a passagem é patrocínio da Supervia — disse o Felipe.

— Vai mais cedo, doidão. Meio-dia o sol tá dando moca. Se tu voltar logo, a gente pode até curtir uma cachoeira lá no Barata — respondi.

— Tá maluco, cara, trem de manhã cedo é só derrota. Horário de trabalhador é osso, vai se espremendo daqui lá na Central.

— Vai depois, cara. Umas nove já tá suave, dá até pra ir sentado. Meio-dia é que é foda. E tu pode até acabar pegando ele lotado na volta.

Toda essa discussão não passava de uma tentativa de voltar ao momento anterior. Retomar a naturalidade.

— Já é, então. Vou partir nove horas. Cês tão com a grana aí?

— Ih, mano, tenho que desenrolar essa meta lá em casa ainda.

— Eu tenho dinheiro no banco. Caiu hoje a pensão do meu pai. Chegando lá em Bangu eu tiro no caixa eletrônico. Aí tu vai fazer o seguinte: vai lá, compra a maconha, tira a tua parte e deixa o resto comigo. Aí quando vocês me derem a grana, eu entrego a parte de vocês, já é? Mas ó, se ninguém botar o dinheiro igual na outra vez, nem adianta pedir que eu não vou salvar. Já falei pra vocês, sem inteira é só Jesus que salva.

Eu estava desanimado com o papo, já sabia o que seria decidido e sabia que eles também. Foi quando de repente:

— Caralho, nem sei se já falei pra vocês, mas teve uma vez que fui no Jaca, já faz tempo isso, fui arrumadinho na moral, pra passar batido pelos canas, que na época tinha muito P2 dando rolé pelo trem, eu lembro. Aí fui, né, até de lupa eu tava. Só que, passando ali pela linha do trem, brotou uma cracuda do nada, juro, não sei de onde ela surgiu, se atravessou a parede da estação, se saiu de dentro

de um bueiro, só sei que tomei mó susto. Aí ela começou a me encarar, me olhando assim de cima em baixo, tipo assim, com mó cara de danadinha, juro, ri não, cara, tô falando sério, a cracuda queria me seduzir! Aí ela mandou assim pra mim: "Me dá cinco que eu chupo o teu pau". Aí eu disse pra ela que não, que tava tranquilo. Aí sabe o que ela falou? Que chupava de graça.

— E tu deixou?

— Eu não, me adiantei.

— Valeu, galã das cracudinhas do Jacaré!

— Duvido, menó, que, depois de te chupar, ela não ia querer os cinco. Duvido. Ainda ia te arrumar um caô fodido se tu não desse.

— E tu acha que eu não sei?

— Mas vocês acham caro pagar cinco reais pelo melhor boquete da vida? Se liga na visão, a cracuda ia olhar pro teu pau, ia ver logo a pedra de cinco e ia cair de boca com vontade. E outra, essas cracudas lá do Jaca são tudo sem dente, podia te engolir com violência que não ia machucar, boquinha de veludo.

Só conseguimos parar de rir porque veio o trem e tivemos que levantar. Fiquei pensando se já não estávamos na onda e se a nossa onda não era a onda de achar que não estávamos na onda, igual aconteceu com o Vítor no meu aniversário, quando ele tomou um pedaço de um quadrado pela primeira vez e depois ficou gritando a festa inteira, pra todo mundo ouvir: "EU NÃO TÔ SENTINDO NADA!".

Em pé é sempre mais fácil identificar se a onda bateu ou não bateu. Muitas vezes a gente fica fumando um tempão sentado e não sente nada, aí quando levanta é que percebe que tá chapado. Depois que o trem passou batido, todo mundo sentou de volta, menos eu. Continuei testando. Não entendia o que estava acontecendo e aquilo começava a me incomodar.

Senti uma coisa estranha quando sentei de volta nos trilhos, uma agonia. Uma vontade de levantar e sair andando, seguir meu caminho. Sozinho. De repente, o ar se foi, eu não lembrava como respirar. Olhei pro meu corpo, escorria o suor. Logo percebi que estava embarcando numa bad ou, sei lá, tendo um teto preto, mas tive vergonha de falar com meus amigos e continuei parado, imóvel, me concentrando apenas em retomar minha respiração.

Não dava nem pra acreditar, logo eu, que sempre me orgulhei de nunca ter passado mal fumando erva. Tinha como lema: "Não se pode lutar contra a onda. Se ela vem forte demais, a única coisa que podemos fazer é se deixar levar. Aproveitar a maré, o balanço". Já vi gente achando que ia morrer sem ar depois de fumar mais do que aguentava, ligando pra casa no meio da noite fritando no ácido, correndo atrás dos outros na praça puxando loló. Sempre ri dessas ondas, e meus amigos diziam: "Tua hora vai chegar! Todo mundo tem a sua hora".

Aos poucos minha pressão foi voltando ao normal, olhei pros moleques e parecia que era a primeira vez que os via naquela noite. Estava de volta. Foi como se tivesse saído de cena e deixado apenas o meu corpo ali, vazio. Uma parada muito estranha. Mas o que pra mim foi intenso e assustador parece não ter existido pra nenhum dos amigos que estavam ali do meu lado, eles não perceberam nada. Seria toda aquela ligação que eu sentia pulsar entre a gente, apenas coisa da minha cabeça? Será que a verdade é que nascemos sozinhos e morreremos sozinhos, sem nunca permitir que o outro habite nossa intimidade?

Houve uma época em que eu não podia fumar maconha na rua porque ficava pensando que estava sendo vigiado, julgado por todos. Isso sempre aconteceu, na verdade. Com tudo. Quando passava alguma vergonha, quando alguém me xingava por alguma merda

que fiz ou que não fiz, quando meu pau endurecia sem nenhuma razão durante uma viagem de ônibus, sempre pensava que todos estavam assistindo. Mas doidão de maconha era pior, parecia impossível escapar de qualquer olhar que fosse, todos pareciam muito atentos a tudo o que eu fazia. Aos poucos fui me libertando disso. Hoje percebo que ninguém olha a gente na rua. Nossa dor, nosso vício, nosso vexame, é tudo muito distante dos outros.

O baseado chegou até mim, era o último antes de irmos embora. Aceitei com naturalidade. Já tinha vencido o mal-estar, e ninguém precisava mesmo saber de nada. Fumei sem vontade, o gosto era horrível. Às vezes ficava pensando se valia a pena continuar fumando maconha ruim, velha, seca, cheia de amônia. E sempre continuava, porque a vida parecia dizer que era melhor fumar do que não fumar. Apesar de todo o perrengue envolvendo polícia, família, essas coisas. Existia de alguma forma, naqueles momentos em que me juntava com os amigos pra queimar um baseado, uma sensação de que a vida podia ser boa, que ela não precisava ser essa loucura que ensinam pra gente desde pequeno, essa pressa, essa caretice toda.

Quando levantamos pra ir embora, me senti cansado. Não queria mais visitar ninguém, nem marcar na praça. Só queria ir pra casa, dormir pra esperar o outro dia sem pensar em nada.

Mas de repente apareceu um amigo do Rodrigo, lá do 77. Cumprimentou a rapaziada. Estava precisando de uma folha de caderno, mas demorei pra entender o que ele dizia porque o moleque gaguejava muito. Só quando o Rodrigo puxou o caderno do fundo da mochila é que me dei conta de que o moleque estava ali na intenção de fumar um zirrê com os dois malucos que aguardavam mais atrás.

— Aí, se vo-vo-vocês quiser um fi-fi-fininho pra fu-fumar um antes de meter o pé, pe-pe-pega aqui comigo, já é? Tá ma-ma-malhadinha essa pedra.

Quis perguntar se ele não estava sabendo que não podia mais fumar crack ali na linha, mas acabei não dizendo nada. Todo mundo estava ligado nessa parada; se eles queriam meter essa bronca, com eles mesmo, eu que não ia ficar regulando ninguém.

— Valeu, meu mano. Só fortalece. Mas a gente já vai se adiantar. Essa maconha tá muito palha, já fumamos vários e ainda tamo de cara. Essa erva só tá servindo mesmo pra fumar com pedra.

Foi o que eu disse, querendo sair dali o mais rápido possível. Quando olhei pro lado, percebi que já tinha uma mulher fumando num copo de Guaravita por ali. Pensei: "Não tem mais jeito, depois do crack a favela nunca mais volta ser a mesma. É impossível controlar tanto viciado".

— A parada é a gente fumar esse, pô. De saideira. A gente junta com essa ponta aqui que abriu e faz um beck maneiro.

Não fiz questão de dizer nada. Sabia que, independente do que dissesse, a gente ia acabar fumando o baseado. Também não queria parecer noiado, nem com medo, até porque não era medo que eu sentia, era só uma necessidade de ir embora. "Tudo bem", pensei. "Com a maconha seca desse jeito, não leva nem dez minutos pra dixavar, apertar, fumar e partir."

Já estava na ponta quando chegaram dois malucos numa moto, sendo que o carona tinha uma AK-47 atravessada no peito e o piloto uma pistola na cintura. Depois disso aconteceu tudo muito rápido, quando vi já estávamos encostados no muro, a AK apontada pra nossa cara, o bandido gritando:

— Cês são maluco, porra? São retardado? Qué morrer, caralho? Num sabe que não pode mais fumar crack nessa merda?

Me preparava pra dizer que a gente só estava fumando maconha, quando a cracuda gritou de volta:

— Pelo amor de Deus, moço, eu tô grávida.

Respondi a isso olhando rapidamente pra pequena barriga que se destacava no corpo esquelético. Era verdade.

— Cala boca, filha da puta, cala boca. Quisesse teu filho vivo, não tava fumando essa porra.

O piloto nem desceu, ficou segurando a moto e acompanhando a cena. Mas puxou e destravou a pistola pra mostrar que estava ali na atividade. Como se precisasse, como se tivéssemos alguma chance contra aquela AK-47 caso ela cismasse de cantar pra cima da gente.

— Só quero saber uma coisa: quem quer ser o primeiro?

E foi apontando o bico da AK na nossa cara, um pouco em cada um. Quando chegou do outro lado, Thiago me disse:

— Agora fodeu.

Nunca tinha visto tanto medo no rosto dos meus amigos. E olha que já atravessamos uma pá de perrengue juntos. Eu só queria saber o que aconteceria se deixássemos de existir naquele momento, como nosso mundo reagiria, as pessoas que se preocupam com a gente. Lembrei na hora da minha mãe dizendo pra nunca andar sem identidade, que se acontece alguma coisa a gente morre como indigente. E eu estava sem a minha, como sempre.

O pagode no bar continuava tocando, indiferente à nossa situação. Escutando as muitas vozes de fregueses que se misturavam com as músicas, entendi tudo: era terror. Eles estavam choqueando a gente. Se fosse pra matar, já teriam nos levado pra outro lado, pra um lugar específico. Eles não iam deixar os corpos ali, jogados na linha do trem. Também não iam nos carregar favela adentro pra tacar fogo ou dar qualquer outro jeito pra sumir com a gente. Além de tudo isso, do outro lado daquele muro fino em que nos

encostamos, estavam vários moradores curtindo um pagode, tomando uma cerveja. Se atirassem na gente, era quase certo da rajada atravessar a parede e atingir um morador. E, se eu sabia disso, era impossível que o maluco que portava a AK não soubesse. Era terror.

Não prestei atenção em mais nada que gritava o bandido. Tinha tomado o controle da situação, minha única preocupação real era a de manter o pavor nos olhos como sinal de respeito. Não era hora pra exibir confiança, não podia, de maneira nenhuma, deixar escapar o sorriso de deboche que me vem toda vez que percebo que toda a tensão que se desenrola na minha frente não vai dar em nada.

Não demorou pra ele gritar a ordem de sairmos voados dali, logo depois disparou uma rajada pro alto, como se desse a largada a uma estranha e desesperada corrida. Num instante estavam todos correndo na maior velocidade em direção à estação de trem, incluindo a mulher grávida, que corria pesado segurando com as mãos a barriga. Não sei como aquelas pernas finas não quebraram com o impacto no concreto. Vi meus amigos ganhando cada vez mais distância de mim, que perdia velocidade por estar pensando: "Um dia ainda escrevo essa história".

O cego

Seu Matias nasceu cego. Nunca viu o mar, armas ou mulheres de biquíni. Mesmo assim, vive sua vida, anda por todos os lados como se vivesse num mundo feito para gente como ele. Gente que não vê, mas escuta, cheira, toca, sente e fala.

E, no seu caso, fala muito bem. Seu Matias tem como emprego tocar o coração de pessoas nos ônibus. Para chegar até seu objetivo, joga com o passageiro um jogo de palavras e sons angustiantes, a voz que se mistura com o barulho da cidade, o som das moedas chacoalhando no copo de Guaravita, a bengala de alumínio batendo sempre pra esquerda e depois pra direita no chão do coletivo.

Tudo depende de como se desenrola o dia de seus possíveis patrocinadores. Se é começo ou fim de mês, se estão bem ou mal alimentados, se creem ou não em Deus, se estão expostos à sensibilidade ou armados contra o que vem de fora. No entanto, mesmo com tudo isso que se deve pôr em conta, consegue faturar uma quantia razoável em dinheiro toda semana, trabalhando sempre um dia sim e o outro não.

Quando pequeno, Matias não suportava a companhia de outras crianças, tagarelando sobre tudo numa velocidade absurda, atropelando os assuntos, embolando as vozes, sobrepondo imagens; as palavras voavam sempre pra muito longe. Por esse motivo,

preferia conversar com os velhos, esses sempre tinham paciência pra tentar explicar detalhadamente a forma de cada coisa, de um jeito tão cuidadoso como só mesmo a solidão dos velhos permite. O céu, os rios, os ratos, a chuva, as pipas no alto, o arco-íris, tudo isso que é dito sem pensar no passar dos dias.

Logo aprendeu os caminhos do morro, passou então a brincar sozinho pelas vielas, como alguém que deixa os olhos entreabertos pra fingir que não enxerga, ouvindo a vida que corria em volta, sentindo o cheiro do perfume das mulheres, da maconha dos rapazes, dos almoços e das valas, satisfeito por descobrir suas próprias narrativas e não precisar dividir nada disso com ninguém.

Quando tinha seis anos, o pai sumiu, desapareceu. A versão principal é a de que o mataram por ter caído na vacilação. O que não é difícil de acreditar, levando em conta o estado que o sujeito ficava quando enchia a cara. Já tinha parado várias vezes na boca, e, pelo andar da carruagem, seu lugar na vala já estava reservado há algum tempo. O que é estranho nessa história toda é que ninguém no morro falou nada, ninguém sabia de nada. Deixando sempre aquela coisa mal resolvida, um mistério no ar, por não acharem o corpo do homem.

Mesmo anos depois, sempre aparecia alguém dizendo que viu Raimundo não sei onde, fazendo não sei o quê. A verdade é que em casa sua presença não fazia a menor falta. Dona Sueli, que vivia jurando que se não parassem as surras um dia jogava água quente no ouvido do desgraçado, podia descansar sossegada por não precisar cumprir a promessa. O que fazia falta mesmo era o dinheiro que ele deixava pra casa, porque, verdade seja dita, quando não estava bebendo, se metendo em confusão, o filho da puta tava trabalhando. E, mesmo sendo pouca a grana que conseguia atravessar os limites do bar pra chegar até a mesa de casa, a falta

dela foi suficiente pra obrigar dona Sueli a dobrar sua jornada de trabalho, saindo de manhã e voltando à noite, passando a conviver com os comentários mal-intencionados dos vizinhos.

Naturalmente os irmãos de Matias foram se afastando. Marcos arrumou uma mulher mais velha, já com filho e tudo, e foi morar com ela. A caçula Mariana arrumou barriga e se mandou com o pai da criança. Quando a doença derrubou dona Sueli, apenas Matias esteve ao seu lado. As vizinhas, as mesmas que antes faziam fofoca, passaram a cuidar de dona Sueli. Algumas vezes por dia, quando ajudavam a velha a ir ao banheiro, ou davam comida a ela deitada na cama, perguntavam onde é que estavam os outros filhos numa hora dessas que não podiam cuidar da mãe. Dona Sueli respondia implacável: "Eu não criei meus filhos pra mim. Criei todos pro mundo!".

Depois do enterro da mãe, acompanhado pelos vizinhos na volta do cemitério, Matias pensava no que faria pra seguir em frente. Era preciso continuar se alimentando todos os dias, e ele não conseguia pensar em nenhum trabalho em que se encaixasse. Se recusava a ficar na rua balançando uma caneca com moedas, como já haviam sugerido. Pensava que, se era pra pedir, que fosse se comunicando com as pessoas, contando sua história.

Passou dias ensaiando o que diria quando estivesse diante de sua plateia no ônibus. Falava da mãe, do pai desaparecido. Da dificuldade que é para um cego conseguir emprego na cidade e, por fim, pedia a Deus que abençoasse a todos, àqueles que podiam e os que não podiam contribuir.

Logo saiu de casa pra ganhar os coletivos e passou a viver dos trocados que lhe davam pessoas comovidas ou incomodadas com seu discurso. Nos primeiros dias parecia tudo muito fácil, o dinheiro entrava, ele tinha a história decorada, bem dividida em todas as suas

partes. Mas aos poucos a realidade foi se revelando. A experiência de repetir dia após dia sua própria história foi se tornando cada vez mais dolorosa, e viver da caridade passou a ser um inferno.

A solidão foi ganhando peso. Matias se aproximou muito de um menino que todos chamavam de Desenho e garantiam que seria bandido. O moleque andava pra cima e pra baixo fazendo avião, buscando quentinha pros traficantes, indo comprar pó pros viciados. Depois gastava a grana apertando baseados na mesma boca que comprava, pra fazer uma presença. Um dia Matias o convidou pra acompanhá-lo nos ônibus. A companhia de Desenho logo fez aumentarem as doações. Se visto sem atenção, o menino até que parecia com Matias — e todo mundo morre de pena de filho de cego. Desenho percebeu que ganhava muito mais com Matias do que fazendo avião no morro, e que com essa ocupação sua mãe ficava muito mais feliz.

Com o passar dos anos, a presença do menino foi perdendo força, alguns passageiros chegavam a dizer que um moleque daquele tamanho já tava bom pra virar uma laje, subir uma parede. Seu Matias preferiu continuar sozinho, a velhice cada vez mais evidente ajudava no trabalho. Com dezesseis anos Desenho conseguiu alugar uma moto e passou a rodar no mototáxi. Os dois nunca tiveram muito o que dizer um para o outro no tempo em que trabalharam juntos; ainda assim, depois de romperem com a parceria, Desenho não se afastou por completo de seu Matias. Nos finais de seus dias de trabalho, o rapaz vai na boca, compra toda a maconha e cocaína que pode com o dinheiro do velho, e ficam os dois ali, a noite inteira fumando e cheirando, num papo angustiante em que não se olha no olho.

O mistério da vila

Em memória de dona Maria de Lourdes

Depois da chuva que veio — bem na hora certa — refrescar a noite quente, o Ruan, a Thaís e o Matheus voltaram voados pra rua, querendo sentir o vento que andava sumido desde a chegada do verão. No final da vila onde se encontraram, mora dona Iara, uma das senhoras mais antigas da rua, que já vê a terceira geração de sua família crescer no pedaço de terra que ajudou a desbravar. Vem de lá o cheiro de macumba.

Os três amigos conseguiram desarmar um golzinho que ia rolar entre os dois quebra-molas, desafiando o bonde de crianças pra ver quem chegava mais perto da casa de dona Iara, quem sentia mais forte o cheiro de macumba, quem ouvia mais alto o barulho dos ratos, morcegos e bambus rangendo do outro lado do valão.

As crianças avançam com cautela pela vila quase escura. Nem parece a mesma vila de sempre, onde durante o dia jogam búlica, rodam pião, brincam de pique. Quando é noite de macumba, tudo ganha mistério: o barulho do bambuzal, as águas correndo, as sombras, as vozes, o eco de todas as coisas. As crianças tremem de medo sincero, e aproveitam juntas cada segundo desse terror de primeira infância.

De repente, um se assusta e corre. Logo os outros correm atrás; o coração dispara, brotam os sorrisos, eles se olham, todos cúmplices,

estourando de curiosidade pra descobrir o motivo da arrancada.

— Cês não viu não, mané? Tava saindo um bicho estranho do rio, eu vi uma sombra grandona.

— Eu acho que era voz de espírito que tava falando.

Depois da explicação, pelo menos mais um sempre diz que viu e que ouviu, o que só aumenta a tensão e o prazer da aventura.

Quando é dia, todo mundo cumprimenta dona Iara, busca cigarro ou o resultado do bicho para ela. Dona Iara é velha demais pra ficar andando até a esquina, sempre manda um moleque. De vez em quando deixa o troco, dá moeda. Dona Iara parece mesmo uma santa quando o dia é claro: bem pretinha, bem velhinha, os olhos cor de mel. Se transforma de noite, com o cheiro, com o vento, com tudo rangendo na vila.

— Meu pai diz que macumba é igual maconha: coisa do diabo! Se fosse bom não começava com "ma".

— A minha mãe disse pra mim que quem faz macumba pode fazer tanto o mal quanto o bem.

— O meu tio ficou possuído no santo e acabou matando o Magnus, o próprio cachorro! Minha tia diz que foi macumba que fizeram pra ele.

Quando dona Iara construiu seu barraco na beira do rio, o lugar não tinha nome, nem sonhava em ser uma rua. As casas foram chegando com o tempo. Naquela época o marido dela ainda estava vivo, chamava Jorge e era pai de santo. Foi ele que começou a fazer as reuniões no quintal da casa. Os vizinhos quase todos participavam da gira, mesmo os católicos, que frequentavam a missa todo domingo. Mas, com o passar dos anos, o número de pessoas foi diminuindo, enquanto ia crescendo o número de Igrejas na região. O terreiro de dona Iara foi ficando de lado. Muitas vezes até malfalado pelos antigos frequentadores, depois de convertidos. Foi

um golpe duro em dona Iara. Já viúva, ela chegou a pensar em sair dali, vender a casa e recomeçar em outro lugar. Mas era tarde. Suas raízes estavam presas demais àquela terra. Passou a usar das lembranças pra se consolar.

Uma vez ela foi rezar para o Matheus, que estava ardendo em febre. Na época, a família dele quase toda já tinha virado crente, mas o moleque não melhorava. Médico não dava jeito, oração de pastor não dava jeito, mandaram chamar a velha. Enquanto ela rezava e passava erva no menino, a parentada seguia com o coro: "Aleluia!", "Glória ao Pai!", "Só o Senhor é Deus!". Depois de terminar com a reza, dona Iara tomou um trago de cachaça e mandou todos tomarem também. Eles tomaram, então ela disse que o menino ia ficar bem. Os pais de Matheus diziam que sim, que Deus estava com eles, que não passava de um susto. Logo depois que a velha saiu, os parentes, espalhados pelos cantos da sala, ficaram longo tempo olhando uns para os outros, selando em silêncio o pacto de nunca comentar na rua o que aconteceu naquela noite. O Matheus só contou pro Ruan, que não contou pra ninguém.

Outra vez, empesteou de carrapato na casa do Ruan. Era carrapato de tudo que é jeito, pra tudo que é lado. Subiam nas paredes, no sofá, até nos santos subiam. Todos já viam a hora em que o cachorro morreria, sem sangue. Dona Iara foi lá, matou três dos parasitas, colocou dentro de uma caixa de fósforo e mandou a avó de Ruan jogar numa encruzilhada. A velha foi e levou junto o menino. Ruan só contou pro Matheus, que não contou pra ninguém.

A família de Thaís é toda testemunha de Jeová, menos o pai, que é alcoólatra. Ela não pode ir na esquina comprar cigarro, nem fazer o jogo do bicho pra dona Iara, por isso nunca fica com troco, nunca ganha moeda. Ela não pode doar sangue, nem comer doce de

Cosme e Damião, nem festa de aniversário ela pode comemorar. O que ninguém imagina é que, quando ela estava no ventre, com dificuldades pra vir ao mundo por conta de parto amarrado, foi dona Iara que fez o trabalho pra desamarrar a barriga. A mãe de Thaís nunca contou pra ninguém.

Depois do susto, da corrida, dos sorrisos e olhares, as crianças retornam todas na direção do perigo. Vão agachadas, se escorando no muro de chapisco, se escondendo por detrás da mangueira, da caixa-d'água vazia. A cada passo, bate mais forte o coração de cada uma, as respirações se atropelam. É uma festa. Elas sabem que no fim tudo vira história boa, conversa animada na frente do bar do Galo Cego.

Uma noite, um barulho forte atravessou todos os outros. Era a porta. As crianças sorriram desesperadas, esperando. Mílton, um dos filhos de dona Iara, passou correndo pela vila, suado, nervoso, nem percebeu as crianças entocadas enquanto ganhava a rua. "Tá possuído", disseram. O cheiro de macumba ficou ainda mais forte com a porta aberta. As crianças tremiam, sem coragem de deixar o esconderijo.

O carro do tio do Matheus parou no portão da vila, Mílton voltou correndo pra casa, o carro ali parado, esperando. As crianças olhavam sem entender, entre o medo e a curiosidade se espremiam pra acompanhar a cena. Logo saíram os dois filhos carregando a mãe desacordada no colo. Ruan e Thaís sentiram muita vontade de chorar e se abraçaram. O carro saiu voado levando a velha pro pronto-socorro.

Entre as crianças ninguém sabia o que pensar nem o que fazer. Olhavam pro chão, as palavras saíam com dificuldade.

— Eu acho que vi o Mílton chorando.

— A gente vai deixar a porta aberta?

Uma coisa era certa: daquela vez, ninguém ia ficar conversando animado na frente do bar do Galo Cego. A noite estava interrompida, suspensa por um medo diferente, sem graça. Ruan foi até lá fechar a porta; depois, em silêncio, pegaram todos o caminho de casa.

No dia seguinte, como os filhos de dona Iara permaneceram no hospital, quem deu as notícias foi o Matheus, contando tudo o que ouviu o tio falar. Tinha sido infarto. Ou derrame, sei lá. Essas coisas que matam os velhos. "Vai ficar internada. Por pouco não morre." Era o que sabia.

Sem comentar com ninguém, Thaís passou toda a semana pedindo a Jeová pela vida de dona Iara. Colocou a velha em todas as suas orações diárias; até na congregação, na reunião de domingo, pediu por ela, mesmo sem saber se era pecado orar pela macumbeira dentro da casa de Deus.

Ruan ficou muito abatido, enfiado em casa, brincando sozinho, sem sorriso nem barulho. A avó, percebendo tristeza no garoto, perguntou se havia brigado com os amigos.

— Eu não quero que a dona Iara morra, vó. Você lembra quando ela veio aqui e acabou com os carrapatos? Não fosse por isso, o Máilon tava morto hoje, sem sangue, eu lembro.

A velha, comovida, aconselhou:

— Pois então peça a Deus por ela, meu filho. Ou melhor, pede pra um santo. Se você tiver fé, ele te ajuda com Deus. E, com santo pedindo, Nosso Senhor sempre atende.

O menino parou de frente para o altar da casa, olhando com atenção as imagens, tentando acreditar que elas poderiam realmente ajudar. Desde pequeno convive com aquelas figuras e nunca havia pedido nada pra elas. Estavam ali Nossa Senhora Aparecida, São Francisco de Assis e também São Jorge. Ruan pensou primeiro em

pedir à Nossa Senhora, de tanto que ela parecia dona Iara, mas acabou desistindo. Olhava para a imagem e as palavras não saíam. Tornou a olhar para São Jorge, dessa vez percebendo sua armadura, o jeito com que dominava o dragão, e teve a certeza de que aquele santo, que com apenas um cavalo e uma espada era capaz de matar um dragão de verdade, poderia então fazer qualquer coisa nesse mundo. Sem perceber, as palavras foram saindo naturalmente na direção do santo, fez o pedido, fez a promessa, agradeceu por antecipação e se despediu.

Mesmo depois de retornarem à rua e às brincadeiras, Ruan e Thaís não interromperam um dia sequer as suas preces. Matheus é que parecia nem ligar. Quando dava a notícia do hospital, contava com gosto, feliz por receber tanta atenção. Até que Ruan não se aguentou mais com a indiferença do amigo e disparou na frente de todo mundo:

— Você não tá nem aí pra dona Iara, mesmo ela tendo ido te rezar quando você tava com febre!

Matheus olhou com ódio para Ruan, não podia acreditar que ele tinha revelado o segredo de sua família. Ruan cerrou os punhos, se o moleque negasse a história, partia pra cima. No entanto, Matheus não disse nada, virou as costas, abandonando a brincadeira.

Já era quase a hora da novela quando dona Iara chegou de táxi, acompanhada dos filhos. O carro parou no portão, ela desceu apoiada nos dois, e foram a passos lentos pra dentro da vila. As crianças voaram pra casa, cheias de vontade de contar a boa-nova. Todos viram quando descia do carro.

Na manhã seguinte, Ruan foi com a Thaís até a casa do Matheus pedir desculpas e convidá-lo pra ir visitar dona Iara. Matheus aceitou as desculpas, mas disse que preferia ficar em casa, jogando videogame. Ruan disse que, se fosse assim, que esquecesse as pazes,

que não precisava nunca mais olhar na cara dele. Então, como eram melhores amigos, Matheus deu pause no jogo e seguiu com o bonde pra vila.

Quando as crianças chegaram, dona Iara estava deitada na cama, toda de branco, parecia mesmo uma santa. Ruan logo percebeu acima de suas cabeças uma vela acesa ao lado do copo de água, igualzinho fazia sua avó, toda semana. A casa toda tinha um cheiro estranho, bom, mas abafado. A luz era pouca, mas suficiente pra iluminar dona Iara, que brilhava na cama, mesmo com os olhos cansados.

— Eu pedi muito a Jeová pela senhora, dona Iara — disse Thaís num impulso por dizer alguma coisa, depois beijou a cabeça da velha. Estava muito nervosa por estar ali, dentro daquela casa.

— Muito obrigada, minha filha. Se estou viva, é mesmo graças a Deus.

Foi muito estranho ouvir a macumbeira falar em nome de Deus. Dona Iara percebeu o assombro das crianças e retomou a palavra. Contou como foram as coisas no hospital, onde teve mais medo da morte do que imaginava. Depois relembrou histórias de quando chegara na rua onde vivem, como eram todas aquelas árvores, o rio antes de virar valão, correndo com água limpa e própria para o banho e para a pesca. As festas do Dia de Reis, o Carnaval, o dia de São João. As crianças ouviam atentas aquelas palavras, imaginando tudo. Depois contou as histórias de alguns orixás, e era tudo tão emocionante, tão cheio de ação, que parecia até que os três assistiam a um filme na televisão. Quando se deram conta, precisavam ir embora, a manhã havia passado voando e já estava na hora do almoço. Antes de saírem, Ruan falou da promessa que fez a São Jorge. Dona Iara riu satisfeita:

— Sempre disse pra tua avó que você, menino, é filho de Ogum!

Foram embora com naturalidade, abraçando e beijando dona Iara, como se tivessem entrado e saído muitas vezes naquela casa. No caminho de volta, enquanto atravessavam a rua, nenhum dos três comentou o assunto.

Depois que dona Iara se recuperou, a brincadeira voltou nos dias com cheiro de macumba. Tudo muito parecido com o que era antes, com exceção de Ruan, que passou a brincar com medo de mentira. A partir de então, quando as crianças se espalhavam pela rua, Ruan passou a invadir sozinho a vila, se escorando nas paredes, se escondendo pelas sombras até chegar na porta, bater e entrar para ouvir as muitas histórias do Santo Guerreiro, seu Protetor, Ogum iê, seu Pai.

Sextou

Quando minha mãe descobriu que eu tava fumando cigarro, ela não veio me comendo no esporro, como eu imaginava. Ela só disse que não me daria mais dinheiro, que, se eu já tinha idade pra ter vício, também já tinha idade pra trabalhar e manter o vício. Na hora fiquei bolado, mas depois entendi que o papo era reto. É como diz o ditado: "Quem tem filho com o cu cabeludo é macaco!".

O primeiro trabalho que arrumei foi de boleiro, com o Márcio, um professor de tênis que morava em cima da minha casa. Ele dava aula nuns condomínios lá na Barra da Tijuca, e a gente tinha que sair de casa até cinco e meia da manhã, porque depois, das seis até as dez, a Niemeyer só funcionava em sentido contrário ao nosso. Ele era um cara maneiro e a gente ia trocando a maior ideia no caminho. Mesmo indo trabalhar com tênis, nosso assunto era sempre futebol.

Com o dinheiro que ganhava, pude comprar umas paradas pra mim e ainda ajudar minha mãe com as compras do mercado. Quando comprei meu tênis Nike, cheguei a dormir com ele na primeira noite. Ficava andando na rua e olhando pro pé toda hora, vendo a sola tocar o chão, vibrando de felicidade. Melhor ainda foi quando pisei na escola, me sentia o máximo, parecia que todo mundo tinha parado pra me ver chegar. O que também me lembro bem dessa época é da sensação de estar ajudando em casa pela

primeira vez, e de como isso transformava o tratamento que recebia na família. Era tão bom tudo aquilo, que queria continuar trabalhando pra sempre, pensava isso enquanto estava em casa; mas, quando chegava nos condomínios, pegava o cano que usava pra recolher as bolinhas de tênis, pisava na quadra, sentia o sol esquentando na minha cabeça, a obrigação de servir gente que nem olhava na minha cara, nessas horas eu queria nunca mais depender de ninguém nessa vida.

Passei a odiar todos eles. Tanto os mais velhos quanto os mais novos, a esses odiava ainda mais. Ficava correndo atrás das bolinhas, imaginando as respostas que gostaria de dar pras merdas que eles falavam e que eu era obrigado a ouvir. Tudo me irritava neles, o jeito que andavam, falavam, riam, tratavam os funcionários, mas o que eu mais detestava era quando reclamavam dos seus problemas: minha empregada faltou hoje, meu carro teve que ir pra oficina, não aguento mais fazer aula de inglês, o cachorro do vizinho latiu a noite toda.

Às vezes chegava na escola ainda tremendo de raiva, mas aí encontrava os amigos, trocava uma ideia, ia passando. Quando tava em casa, só conseguia lembrar da parte boa: dinheiro no bolso, comida no prato, não precisar lavar a louça. Até que um dia tudo explodiu. Um aluno mais ou menos da minha idade veio falar uma gracinha pra mim, disse que eu parecia o personagem de um desenho animado. Falei pra ele: "Tomar no cu, mermão. Sou teus amiguinhos de condomínio não!". O moleque ficou me olhando assustado, parecia não acreditar na coragem que tive. Na hora eu também não acreditei.

O Márcio ficou bolado, disse que quase fodo com o trabalho dele. Minha mãe também ficou bolada, todo mundo ficou muito puto com essa história. Mas, pra mim, a pior coisa foi o Márcio ter parado

de falar comigo. Foi ele que me levou num estádio de futebol pela primeira vez, nunca vou me esquecer. Depois disso, durante um tempo, toda vez que o Flamengo metia uma bola na rede eu lembrava dele, tinha vontade de bater lá em cima, gritar junto, dar aquele abraço de gol.

Tive vários trabalhos depois desse, mas é foda. Além de tu ter que chegar sempre na hora, passar a maior parte do dia fazendo uma parada pros outros, ter que fazer a barba, cortar o cabelo, tu ainda tem que ter sangue de barata. Não conseguia me firmar em nada, e as coisas em casa às vezes ficavam esquisitas. Minha convivência com meu padrasto não era fácil; às vezes a gente se falava numa boa, em outras parecia que só tinha espaço pra um de nós dois naquela casa. Minha mãe ficava sempre do meu lado, do jeito dela mas ficava. Sei que ela também ficava puta com essa minha falta de tolerância, como ela mesma dizia. "Manda quem pode, obedece quem tem juízo." O caralho, eu ficava pensando.

Entrei na de entregar papel por indicação de um amigo que estudava comigo. Era pra ser uma parada rápida, só pra me segurar por um tempo, mas já tô nessa há quase um ano. A grana é curta, trinta reais por dia, de segunda a sexta, de oito às quatro. Em compensação o trabalho é fácil: é só entregar os papéis na mão de quem passa na minha frente, se a pessoa pegar tudo bem, não me importo se ela vai jogar no chão ou vai procurar o escritório pra pedir um empréstimo. Se ela não pegar, vida que segue, o que não falta é gente pra ficar tentando. Uma coisa boa desse trabalho é que não preciso falar com ninguém, tenho tempo pra ficar pensando, planejando minhas coisas, imaginando o futuro.

Foi estranha a primeira vez. Tinha dormido tarde, cheguei lá no ponto de encontro em cima da hora marcada, já tinha um pessoal esperando. Tinha muita gente de rua, uma mina grávida, uma coroa

com mais idade do que minha vó. Não sabia se era exatamente ali que deveria aguardar, meu amigo ainda não tinha chegado. Acendi um cigarro, tentando entender onde é que tava me metendo. Meu amigo chegou confirmando que o lugar era ali mesmo, esperamos mais uns dez minutos e apareceu o fiscal. Ele perguntou meu nome e me entregou um paco de papel, depois me disse pra entregá-los na rua da Carioca, bem na esquina, um pouco antes de chegar na praça Tiradentes. Então fui pra lá.

No começo sentia muita vergonha. As pessoas passavam, parecia que elas sentiam sempre pena de mim, ou raiva, sei lá. Às vezes, quando eu via alguém chegando, fazia o contato visual, me preparava pra entregar o papel; nessas horas, de alguma forma, sentia que aquelas pessoas preferiam que eu não existisse. O problema é que eu levava os olhares pro lado pessoal. Demorei pra entender que aqueles olhares, independente do significado, não eram pra mim, eram pro entregador de papel. E esse não sou eu, nem ninguém.

Depois de entender essa diferença, ficou tudo mais tranquilo. Menos quando passava algum conhecido. Nessas horas eu tinha vontade de me esconder embaixo do asfalto. A primeira vez que aconteceu foi com um amigo lá do morro, ele vinha andando pela calçada, vi de longe. Pensei em sair de perto, mas era mais ou menos a hora que o fiscal passava por ali. Decidi ficar parado, com a cabeça baixa pra ele não me ver. Quando achei que já tinha passado e levantei a cabeça, ele estava parado na minha frente, pronto pra falar comigo. Tentei esconder os papéis, mas não deu. Falei pra ele: “Tô na correria, irmão”. Ele me disse que tá foda, tá correndo atrás também, que se pá ia ver comigo pra colocar ele nessa fita. Depois a gente se abraçou e ele me disse pra aparecer lá na casa dele pra jogar videogame. Outra vez, essa foi foda, o coração disparou, parecia até

que ia sair pela boca. Tava vindo uma mina lá da Cruzada que eu tava desenrolando um tempão na internet. Já tinha dado o maior trabalho fazer a mina me dar confiança, se ela me visse ali já era. Sabia que ficar parado não adiantava, então continuei entregando o papel, como se nada tivesse acontecendo, e não deu outra, a mina passou batida, na maior tranquilidade.

Com o pagamento da minha primeira semana, decidi que ia lá no Jacarezinho comprar um baseado. Tava um tempão sem maconha, só fumando quando alguém salvava. Agora queria pegar um peso maneiro pra poder salvar quem me ajudou na época da seca. Tava pensando em pegar uma maconha de cinquenta. Ficar tranquilo. Com o resto da grana eu ia pagar a conta da internet e comprar lá pra casa algumas coisas que tivessem faltando. Não me importava em ficar duro, o bom de trabalhar o dia todo e ir pra escola à noite é que não dá tempo de você querer gastar dinheiro.

Um cracudo tinha me vendido um cartão de passagem da Supervia por dois reais. É sempre uma transação arriscada, comprar essas coisas de viciado, mas esse maluco ficava lá perto de onde eu tava trabalhando, não ia mudar de lugar por conta de dois reais. Garantiu que tinha duas passagens. Já facilitava pra ir na missão, parecia que tudo conspirava a meu favor. Desisti até de ir pra escola nesse dia, chegando no morro ia direto pro cantão fumar um da braba e curtir o visual.

Não costumo andar de trem, não me lembrava que depois das cinco ele vira o inferno. Quando cheguei, já tava cheio, sem lugar nenhum pra sentar e com bastante gente em pé, mas ainda dava pra respirar. Aos poucos foi chegando mais gente, os espaços em volta foram sumindo. O trem fechava as portas, eu ficava aliviado por não entrar mais ninguém, então ele abria de novo as portas, as pessoas continuavam chegando. Alguns reclamavam da demora pra sair da

estação, mas a maioria ficava de cabeça baixa, tentando defender o seu espaço.

O trem saiu, os camelôs que tentavam a sorte naquela viagem anunciavam seus produtos parados no espaço que conquistaram, era impossível andar ali dentro, ainda mais carregando uma caixa de isopor ou então um gancho de doces. Ficava pensando em como faria pra chegar até a porta se o vagão não esvaziasse até minha estação. Como não fica muito longe da Central, sabia que não desceria muita gente até chegar no meu destino. O que não imaginava é que, chegando em São Cristóvão, seria possível entrar ainda mais gente no vagão. O pessoal reclamou, mandou pegar o próximo, que não tinha mais espaço. Os novos passageiros vinham forçando a entrada pela porta, o pessoal de dentro empurrava pra fora. Sentia meu corpo indo e vindo sem que eu fizesse nenhum movimento, quando de uma hora pra outra todos se encaixaram no espaço, as portas se fecharam, seguimos o caminho.

Quando chegamos na Estação Maracanã, caiu a chuva. Não tava botando fé que aquelas nuvens tinham força pra fazer descer a água, mas foi o que aconteceu. Fiquei pensando em como, às vezes, o perrengue de uns faz a alegria dos outros. Lembrei de dois moleques que conheci no Campo de Santana, numa vez que fui lá comprar um baseado na minha hora de almoço. Os dois eram do Fallet e tavam sempre juntos, pareciam até o Gordo e o Magro, sendo que os dois eram tão magros que às vezes parecia que eles iam quebrar se batesse um vento. Trabalhavam sempre com base na necessidade: se tava calor vendiam água, se tava chovendo vendiam guarda-chuva. No dia que conheci eles, o maluco que ficava vendendo droga no campo tinha sumido, tavam até falando que ele tinha rodado. Eu tava puto que ia passar o resto do dia careta, e eles acabaram me salvando um, nem lembro como começou o papo. Só lembro que no

meio do beck começou a relampejar, o vento aumentou. Eles saíram correndo:

— É a chuva, falei pra tu que hoje ia cair, falei pra tu!

Gritei pra eles:

— Ó o baseado!

Responderam:

— Guarda-chuva é cinco, familião é dez!

E foram fazer dinheiro. Fiquei rindo muito da cena, fumando o baseado debaixo da árvore e assistindo cair a chuva.

Quando chegamos em Triagem, já comecei a me coçar pra chegar perto da porta. Missão quase impossível. Tentava passar, pedia licença, não adiantava. Forçava a passada, mas os corpos se endureciam contra o meu. Alguém reclamava que teve o pé pisado, eu voltava, calculava as possibilidades. Quando o trem parou no Jacarezinho, ainda não estava tão perto da porta quanto gostaria, então saí atropelando quem estava na frente, blindado pelo fato de que não ficaria mais no vagão pra receber as respostas pela minha atitude.

Consegui descer, olhei pro céu, a chuva já tinha estiado, no entanto tinha sido o suficiente pra deixar o chão da estação todo enlamaçado. Atravessei a giratória e achei o clima esquisito. Quem tá ligado no ritmo sabe, na sexta-cheira o Jacaré vira Paris. Pelo menos pros viciados que vão chegando de tudo que é canto da cidade. A favela não tava deserta, mas tinha bem menos gente do que eu imaginava. Fiquei meio bolado. Se tivesse rolando operação, ia ter que atravessar lá pra Manguinhos.

Teve época da maconha do Jacaré estar fazendo tanto sucesso, mas tanto sucesso, que chegava a fazer fila na frente da boca. Uma vez, tô eu abaixado escolhendo um baseado na carga de cinco, quando olho pro lado e tá o Amaral, amigo lá do morro, que

trabalha no mototáxi. Foi muito engraçado! Nunca tinha imaginado encontrar ninguém do morro ali na favela, ainda mais que neguinho morre de medo de invadir favela de outra facção. Trocamos uma ideia ali na linha do trem, queimando uma vela pra comemorar o encontro. Só não voltei de moto com ele porque tava com um capacete só e atravessar com droga no erro é foda.

Estranhava a falta da rapaziada fumando um na rua, que é o que mais se vê ali pela entrada da favela. A maconha ali é tão regada, que, olhando pro chão, você encontra umas pontas do tamanho de um polegar. Coisa impossível nos lugares de erva mais cara, como no Vidigal, onde a gente fuma até queimar os dedos e a boca. Outra coisa estranha era nenhum cracudo ter me abordado logo assim que saí da estação, eles nunca perdem tempo. Querem sempre levar alguma coisa de você, primeiro pedem um fino pra misturarem no crack e fazer um zirrê, daí você nega e eles pedem um cigarro, uma seda, uma moeda pra comprar um Guaravita. É foda!

Fui na direção da boca e não tinha ninguém lá. As mesas todas estavam lá, o guarda-sol, mas não tava rolando o movimento. Olhei em volta, não tinha nenhum policial, nenhum caveirão rodando, as pessoas andavam na rua na maior tranquilidade. Tava tudo muito confuso: se não tinha ninguém ali na boca, como é que tava tranquilo? Continuei andando até outra boca que conhecia por ali. Um moleque passou correndo por mim, devia ter uns doze anos.

— Que que tu quer? É maconha?

— É, cadê os amigo?

— Tão entocado! Fala o que tu quer.

— Quero uma de cinquenta.

— Só tem de dez, leva cinco, vem!

Entreguei o dinheiro pra ele e em dois segundos o moleque sumiu pelos becos.

Acendi um cigarro e fiquei olhando em volta. Tava escaldado com a situação. Várias vezes cheguei ali no Jacarezinho e a bala tava comendo sério, mas aí era só atravessar ali pra Manguinhos, ou então pegar um ônibus na Suburbana até outra favela pra não perder a viagem. Mas daquele jeito nunca tinha visto, parecia que a qualquer momento podiam começar os pipocos comigo ali no meio, de bucha, sem saber pra onde correr, numa favela que não é nem a minha.

O moleque chegou com o baseado. Não tava tão servido quanto normalmente, mas, ainda assim, valia muito mais a pena do que pegar lá no morro. Perguntei a ele:

— Tá babado aqui, mano?

Ele me disse:

— Os cana já foi embora, eles veio mais cedo. Trocamo com eles, agora já meteu o pé geral. Tá tranquilão, fica à vontade.

Espalhei a erva pelos bolsos e fui andando de volta pra estação. Parei num barzinho pra comprar uma seda. Se o Supervia não tivesse por ali, ia fumar um na estação mesmo, enquanto esperava o trem. Peguei a seda, dei o dinheiro pra mulher. Ela me disse alguma coisa que não entendi, agradeci e fui andando. Não ia pular a estação como de costume, ia gastar a outra passagem do meu cartão. Não queria pular e sujar minha roupa toda de lama, porque isso chama a atenção da polícia na Central. Quando cheguei na porta da estação é que entendi o que a mulher tentou falar comigo: "Cuidado com os canas!".

O PM apontou a pistola pra minha cara. Não foi a primeira e nem seria a última vez que alguém apontava pra mim uma arma.

— Levanta os braços — ele disse.

Levantei, outro PM veio botando a mão na minha cintura, conferindo se eu estava armado. A .40 me encarando de frente.

— Tá limpo — o outro falou.

— Tá com droga aí?

Percebi que estava cercado por quatro PMS.

— Tô, sim, senhor. Cinco de dez.

Peguei uma por uma nos bolsos e entreguei pro policial.

— Tu mora aonde?

— No Leblon — eu disse. Mas, percebendo que ele parecia não acreditar, completei: — Meu pai é porteiro de um prédio.

Nessas horas é sempre melhor dizer que mora na pista, ainda mais se rodar numa favela de outra facção. Se deixar os canas descobrirem, pode se preparar pra cair num terror fodido.

— Tem mais o quê, aí nessa mochila?

Tinha só um casaco, um livro e, dentro dele, cem reais, o resto do meu pagamento. Os olhos do verme brilharam quando viu a grana, no entanto fingiu seriedade, entregando na minha mão e mandando segurar o meu dinheiro.

— Vou te falar, moleque. Tu parece ser um cara inteligente. Fala pra mim, qual é do desenrolo?

— Não tem desenrolo não. Perdi a erva, pode levar. Preciso desse dinheiro pra pagar a conta de luz.

— Como assim, não tem desenrolo? Tu vem até aqui, dá um trabalho desse pra gente, e vai falar que num tem desenrolo?

— É isso aí. Se quiser, pode me levar pra delegacia. Assino o que tiver que assinar, mas esse dinheiro tenho que levar pra casa.

— Tu tem certeza que tu vai querer ir pra delegacia com dez trouxas de maconha?

— Só te entreguei cinco.

— Quantas tem aí, capitão?

E o capitão, que portava uma doze, respondeu:

— Dez!

Nessa hora percebi que nenhum deles usava a identificação na farda, fiquei bolado deles forjarem um flagrante pra mim e me fazerem assinar o 12. Além do mais, ninguém podia me garantir que saindo dali eu ia parar na delegacia. Podiam muito bem sumir comigo e ficar com a grana. Sabia que ia perder, mas não conseguia acreditar. Passei a semana inteira pensando naquele dinheiro, planejando o que faria com ele, era como se fôssemos amigos. Tentei uma última vez:

— Preciso desse dinheiro. É pra conta de luz, eu juro pro senhor.

— Mermão, quando a gente roda, a gente esquece as contas. Todo mundo tá ligado nisso. Até os mais velhos aceitam essa regra. Perdeu, perdeu, parceiro.

Naquela altura, já tinha me convencido de que a conta de internet teria que esperar e que o clima lá em casa ia ficar pesado mais uma semana; tentei salvar pelo menos a erva:

— Tranquilo, pode levar a grana. Mas deixa eu ficar com a maconha.

Do jeito que as coisas tavam, não acreditava que ele fosse aceitar qualquer condição minha. Fiquei surpreso com a resposta:

— Tranquilo. Vou colocar na tua mochila.

Fui entregar a nota de cem na mão do cana, ele disse:

— Tá maluco, rapá. Bota a mão aqui dentro da mochila. Isso. Deixa a nota aí dentro que eu pego.

Deixei a nota, ele me entregou a mochila.

— A maconha tá aqui dentro?

— Claro. Tenho cara de quem dá dois papos?

Abri a bolsa e conferi a erva, bem ali na frente deles. Eles ficaram me olhando, achei a erva lá dentro. Fechei a mochila. Nessa hora me lembrei de uma coisa:

— Esse era o único dinheiro que eu tinha, preciso de dinheiro pra pagar a passagem da Central até o Leblon.

O policial chegou até mim, entregou duas notas de dois reais e saiu junto com seus parceiros. Eu sentia uma raiva tão grande que, se pudesse, mataria todos os quatro ali, sem pensar duas vezes. Uma morte lenta e dolorosa, como merecem todos os vermes. Fui andando até a estação, cheguei na frente da roleta, passei o meu cartão: "Saldo insuficiente". Puta que pariu! Tem dias que é foda, azar é lixo! Fui até o meio da estação, pulei pra dentro como sempre, sujei minha camisa de lama, mas já nem me importava. Lá na estação perguntavam:

— Qual foi daqueles cana lá, tu tava com flagrante?

— Cinco maconha de dez.

— Levaram tudo?

— Porra nenhuma. Eu tava com cem reais que era pra pagar a minha conta de luz, levaram a porra do dinheiro todo! Mas falei pra eles: "Ah, não, pelo menos com as drogas eu vou ter que ficar". E eles deixaram.

— Caralho, eles são foda!

Maior galera na estação ficou bolada com a minha história, ficou todo mundo comentando, xingando os vermes. Eu não falava mais nada, ia dixavando o baseado com sangue nos olhos. Quando terminava, olhava pra mão, achava pouco, pegava mais um pedaço, ia dixavando... Sentia uma parada muito pesada no peito, fiquei lembrando de cada perrengue que já passei com a polícia. Quando acendi o baseado, percebi que tinha feito realmente um charuto, um braço-de-judas, dedo-de-deus. Fiquei fumando e a erva tava fresca, com um gosto ótimo, mas eu puxava aquela fumaça e ela vinha com um ódio, uma tristeza, um desânimo, que cheguei a pensar que era

melhor que os filhos da puta tivessem levado também a porra da maconha.

Travessia

"Não vou falar duas vezes que é pra sumir com essa merda desse corpo da minha frente. Papo reto, se alguém der falta desse desgraçado e cair mais um processo nas minhas costas, juro que quem vai pra vala é tu, filho da puta! Agora anda, desaparece, que bandido burro é a pior raça que existe."

Ouvir um papo desse do dono do morro é foda, é de fazer qualquer um ficar com o cu na mão. Beto nunca tinha falado com o cara, e a primeira vez é isso, um esporro neurótico na frente de geral da base.

Desde que tinha entrado pra boca, nunca tinha dado um tiro, isso já ia pra mais de ano. Esse bagulho mexia com ele, ficava segurando a porra da metralhadora e não usava nunca. Parecia até que era de enfeite, aquela merda. Ficava fingindo que palmeava os becos quando terminava o baile, doidão apontando pro invisível. Igual a ele tinha vários, desses moleques novos que entraram na boca nessa época em que o morro ficou tranquilo demais, com a polícia bem arregada e os alemão sem nem pensar em invadir. Não que Beto sentisse vontade de arriscar a vida, várias vezes ficava sentado na cadeira, olhando a metralhadora e a pistola, imaginando como seria se do nada aparecesse o Bope aplicando pra cima deles. Um tiro bem dado e a gente já era, essa é que é a verdade. Mas, do jeito que as

coisas tavam indo, sabia que não ia ganhar moral na firma nunca, isso deixava ele bolado. Geral tá ligado que bandido se cresce é na hora da trocação, na hora em que ele mostra que tem o sangue frio. Agora tá nesse perrengue de ter que sumir com o presunto.

Tudo porque o cara, depois de pegar o pó, fez o cumprimento lá da outra facção. Soubesse que ia dar essa merda toda, tinha dado só um coro no cara, ou até deixado passar batido o infeliz. Mas não, ele tinha que largar uma rajada no filho da puta. Na hora que soltou os pipocos, meio que já sentiu a merda feita, mas já era tarde. E agora isso. Pior que olha pro defunto e já não consegue mais sentir o mesmo ódio, passou a onda e a adrenalina e o cara voltou a ser filho de Deus e de uma mãe também.

Foda ia ser arrumar um carro pra atravessar até o lixão, geral tava ligado no bagulho, já sentia que tava taxado como vacilão de morro. Sem falar no risco que o dono do carro ia correr, se tivesse documento, essas paradas. Mesmo assim, não tinha outro jeito; a pé num podia levar o cara, de mototáxi também não. Beto ficava pensando: "Mais de um ano fechando na boca e num comprei porra nenhuma pra mim, muito mal aquela televisão e o meu Playstation. Bandido duro é foda. Foi o tempo que essa merda dava dinheiro, papo reto. Quando eu era menó, via os cara tudo de moto, comprando carro importado que nego roubava na pista. Agora é plantão de doze horas todo dia e, quando tu vai ver, tá duro, pegando quentinha fiado. Tomar no cu!".

Saiu pedindo o adianto pra geral que fechava com ele, mas ninguém queria se meter nesse caô. Uns arrumavam desculpa, outros já mandavam logo na lata: "Fez a merda, irmão. Segura tua bronca". Beto ia ficando puto; na hora de pedir um salve porque tá sem maconha, de dar puxão no lança-perfume no meio do baile, de pedir pra ficar portando uma pistola e tirar onda com as novinhas,

geral é amigo. Na hora que tu precisa, é isso aí que tu tá vendo. Não conseguia também parar de pensar no corpo do cara entocado lá no barraco dele. O sol forte espalha o cheiro de tudo, do esgoto, do lixo e da morte. Se começasse a feder antes de conseguir tirar, ia ser foda pra arrancar o futum depois.

O que deixava Beto mais bolado era que não entendia qual era a desse papo do dono do morro. Porra, o cara já tem mais BO nas costas do que cabelo na cabeça, aí vem e mete essa? Custava nada deixar desovar o cara na mata. A polícia não entra nem pra tentar pegar as drogas, vai invadir pra achar corpo de viciado? Até parece. Mas num podia fazer nada, tinha que respeitar hierarquia, isso aprendeu desde menó.

Conseguiu comprar um Chevette pra pagar depois. O cara da oficina garantiu que o carro dava conta de atravessar até o lixão. Beto ia ficando cada vez mais desesperado. Sabia que esse tipo de carro é clássico de ser parado pelos vermes. Todo errado, sem documento, lanternagem fodida, eles já vêm na fome de arrumar o do café. Quando vissem o presunto, pronto, já iam querer arrumar também o da compra do mês, o dos presentes de Natal, como se ele tivesse nadando em dinheiro pra perder pra polícia. A primeira ideia era de levar o cara na madruga, pra passar mais batido. Mas depois se convenceu de que, se fosse visto por um cana com aquele carro de madrugada, só um milagre pra não ser parado. Bagulho era partir no meio dessa tarde; e pedir a Deus pra proteger durante a travessia. Fazia tempo que Beto não pegava no volante, no morro só dava rolé de moto. Mas ia ter que meter essa bronca, era impossível achar um piloto pra encarar a missão.

O morto ia dentro do porta-malas, todo espremido, enquanto o Chevette avançava. “Como será que é o nome dele?”, Beto pensava. Não tinha identidade, celular, porra nenhuma. “Será que tem

família um cara desse? Tomara que não", continuava pensando. E com isso logo lembrou da própria mãe, de como foram se afastando com a chegada de sua adolescência, de como as coisas mudaram depois que largou os cultos e passou a fumar maconha na rua, das discussões que tiveram, ela sonhava que o filho virasse pastor. Pela primeira vez no dia, pensou em como seria a reação da coroa quando a história chegasse no seu ouvido. Já era foda ter um filho na boca, assassino agora ainda por cima, puta que pariu, as irmãs da igreja não vão perdoar. Aquelas velhas são foda, sabem mais da vida dos outros do que versículos da Bíblia.

Não era longe o lixão, mas tava tão nervoso dirigindo o Chevette que, depois de meia hora no volante, já não aguentava mais a pressão. O corpo todo doía como se tivesse levado um coro. De repente, aconteceu o pior: morreu o carro. Beto olhou em volta e logo percebeu onde tava, era área de milícia. "Agora fodeu tudo de uma vez", pensou. Tava ligado que sem dinheiro o desenrolo com esses caras é bala. Pior raça que tem pra tu se meter nesse mundo é milícia, porque, além de ser ruim que nem o cão, ainda tem proteção da polícia. Ficou parado, procurando solução. Sentia que tava sendo observado. Do outro lado da rua tinha um bar onde uns coroas jogavam sinuca, bebiam cerveja. Ali no meio deles bem que devia ter um miliciano junto, só podia ter.

Não deu outra, três dos coroas atravessavam a rua na direção do Chevette, dois deles tavam sem camisa e Beto pôde ver que não tavam armados. Só que o único que tava usando uma blusa era logo o que tinha cara de ser o miliciano do bonde, Beto podia até ver o volume que a pistola fazia na cintura do cara. Imaginou como que ia morrer, se iam aplicar ali mesmo e deixar a bagunça pra alguém limpar, se seria levado pra outro lugar, se ia levar um tiro só no meio da cara ou se não economizariam balas pra atravessar seu corpo.

Pensou que, se contasse pra eles que o presunto era a merda de um viciado, talvez aliviassem, esses filhos da puta odeiam os viciados. O foda era explicar o tanto de tiro que acertou no cara, o que fazia com a porra de uma metralhadora? Não ia demorar pra eles se ligarem que Beto trabalhava na boca, e aí, meu amigo, era papo de tortura e os caralho se o dinheiro não brotasse. E não ia brotar. Tava queimadão lá no morro, não adiantava nem tentar, que os cara era capaz de mandar matar mermo, que lugar de vacilão é na vala. Sua mãe voltava pro pensamento, o abraço, os olhos, a voz. Tava com tanta certeza que tinha rodado que começou até a pensar em Deus.

Estalava que nem tiro o cano de descarga do Chevette, mas ele ia tranquilão no caminho. Não dava nem pra acreditar que os coroas tinham ajudado a empurrar o carro. Várias vezes ajudou nesse tipo de situação, mesmo sem saber quem era o piloto. Não imaginava é que, num dos piores dias da sua vida, alguém ia se oferecer pra dar uma moral. "Adiantando os outros, a gente se adianta também", pensou. Começou a sentir que as coisas iam ficar numa boa, tinham que ficar. É cria no bagulho, nunca vacilou antes, não via motivo pra ficar taxado pra sempre.

Foi quando chegou no lixão. Tava ficando de noite e ainda tinha gente espalhada procurando coisa, mas ninguém querendo ver o que não devia. Por isso, sem bater neurose, ele puxou de uma vez o corpo do maluco lá de dentro do porta-malas, enrolado naquele saco preto. Pesava pra caralho, se for pensar que o cara era viciado e que tava na capa do Batman quando passou dessa pra melhor. Se fosse desovar o cara na mata, ia fazer um cobertor de pneu, perfumar com gasolina e tacar fogo no desgraçado. Mas ali era arriscado, o fogo podia sair lambendo a porra toda, alguém podia ver que foi ele que começou, falar algum bagulho. Sempre tem alguém olhando. Isso aprendeu lá no morro, onde vacilão sempre roda uma hora ou

outra. Largou o corpo por lá, contando que os urubus iam dar fim antes que alguém começasse a procurar.

Agora é voltar pra casa, retomar a confiança da rapaziada lá na boca. Mostrar que o bagulho aconteceu mas é passado, que ninguém é perfeito nessa merda e que geral pode perder a cabeça de uma hora pra outra. Beto não sabia se valia a pena ir nesse próximo plantão ou se era melhor deixar a poeira baixar pra voltar no sapatinho. Que ódio que ele tava sentindo desse bagulho todo. Era que nem um pesadelo, desses que a gente tenta acordar mas não consegue nunca.

Quando chegou no morro foi que tudo desabou de uma vez. Foi subindo pra tirar o plantão, porque achou que era melhor botar logo a cara, pra num dar tempo de vagabundo ficar de conversinha com um bagulho que já passou. Olhava os becos, geral na rua, os cachaceiros, os maconheiros, os crentes, as novinhas, rapaziada da ronda, os trabalhadores chegando em casa. Tudo parecia diferente, como se, voltando da missão, ele tivesse vendo o morro pela primeira vez. Bagulho doido de verdade! Chegou na boca, tava geral numa boa, fumando um e trocando ideia. Um vapor gritava: "Maconha, maconha!". Outro mandava na sequência: "Pó de dez, cheirou pancou, pó de dez, vem nariz!". Até então tudo normal. Mas, quando viram Beto chegar, o silêncio tomou conta do pedaço. Pela cara dos malucos, Beto sentiu logo que dessa num ia passar. Feião morrer de vacilão de morro, papo reto. Sem velório e nem homenagem. Sabia que aquele gerente tava de rixa com ele, esperando só a boa pra foder com a sua vida. Se alguém ali fosse apertar o gatilho, era o gerente, Beto tinha certeza. Mas, em vez de bala, mandaram o papo que era pra ele meter o pé, que num era pra passar em casa nem se despedir de ninguém, que o morro não era

lugar pra moleque emocionado que num sabe a responsa de portar uma arma.

Essa porra é foda, o cara que é cria nunca imagina que vai ter que ralar assim de onde nasceu, com geral comentando que saiu saindo porque caiu na vacilação. Beto deu meia-volta e foi andando; se atirassem pelas suas costas, foda-se, não fazia diferença. Não tinha ideia de onde ia dormir quando tivesse na pista. Ninguém aplicou. A sentença era mesmo ter que meter o pé, e doía que nem bala. Amava e odiava aquele morro como ninguém nunca vai conseguir entender, nem explicar. Ia olhando pros becos e lembrando de umas paradas da antiga, momentos com os amigos de infância, as festas de aniversário, o dia de Cosme, sempre correndo pra cima e pra baixo, brincando de Bob Teco, matando ratos com a atiradeira. Lembrou dos sonhos que tinha quando era moleque, do que imaginava que seria sua vida, no começo nunca que pensava em fechar na boca. Queria era ser jogador de futebol, piloto de avião, técnico em informática. Agora, enquanto desce a ladeira pra chegar na saída do morro, só consegue pensar que tudo vai ser muito diferente.

CHICO CERCHIARO

GEOVANI MARTINS nasceu em 1991, em Bangu, no Rio de Janeiro. Trabalhou como "homem-placa", atendente de lanchonete, garçom em bufê infantil e barraca de praia. Em 2013 e 2015, participou das oficinas da Festa Literária das Periferias, a Flup. Publicou alguns de seus contos na revista *Setor X* e foi convidado duas vezes para a programação paralela da Flip.

Copyright © 2018 by Geovani Martins

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa
Alceu Chiesorin Nunes

Preparação
Márcia Copola

Revisão
Marise Leal
Fernando Nuno

ISBN 978-85-545-1080-0

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br
facebook.com/companhiadasletras
instagram.com/companhiadasletras
twitter.com/cialetras